

# ILLUSYA

## O REINO ENCANTADO

---

BRUNO MATOS



COLEÇÃO  
**TEEN**  
Uma aventura por mês



TÍTULO: *Illusya, O Reino Encantado (volume 2 da Coleção TEEN)*

AUTORIA: *Bruno Matos*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2009 Edições Saída de Emergência Lda.*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Peres - Soctip*

1ª EDIÇÃO: *Julho, 2009*

ISBN: *978-989-637-140-1*

DEPÓSITO LEGAL: *295668/09*

*Coleção TEEN é uma marca registada da Saída de Emergência*

*Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

*TEL E FAX: 214 583 770*

*WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM*

*Para a minha Margarida  
que abriu as portas do meu coração  
e mostrou que a vida é mais bela  
quando deixamos o amor entrar*



## AS SETE CANETAS

Nas imediações da grande cidade existia um local pitoresco, nascido sobre montes ermos onde o capim baloiçava livremente ao sabor do vento, chamado Poço dos Desejos. Nesse lugar, arredado da frieza dos grandes edifícios desprovidos de alma — feitos de metal, concreto e vidro — e resguardado dos escapes poluentes dos automóveis que sufocavam o quotidiano num permanente casulo de fumo, existia uma casa amarela, de muros caiados de branco e enormes portões verdes. E nessa casa amarela vivia a família Salgueiro.

O ritmo de vida do Poço dos Desejos diferia em muito do galopar incessante da grande cidade. Neste recanto, os vizinhos conheciam-se, tratavam-se pelo nome próprio e sabiam tudo acerca da vida uns dos outros, como se pertencessem a uma grande família. Esta “*ânsia de conhecimento pelos assuntos alheios*” levava-os a espreitarem sobre os muros cada vez que um estranho percorria a calçada ou atravessava a estrada alcatroada com uma matrícula desconhecida. Também tinham o incomodativo hábito de comentar as escolhas dos adolescentes sempre que traziam namorada ou namorado novo, já que os conheciam desde bebês e se sentiam um pouco responsáveis pelo seu crescimento. Ao nascer, cada criança do Poço dos Desejos ganhava dezenas de pais e de mães, pares e mais pares de olhares vigilantes que controlariam todos os seus movimentos até ao momento em que abandonassem aquele lugar ou que dessem o seu último suspiro.

A maior parte dos habitantes do Poço dos Desejos desenvolviam a sua vida social dentro dos limites da localidade. Faziam questão de se juntarem no café central, um espaço apertado onde o odor do vinho barato pairava no ar. Entre algumas cervejas e muita discussão, por vezes mais acesa e acompanhada por um gesticular ameaçador, coscuilhavam sobre tudo o que se lembravam. Bisbilhotar a vida dos outros sempre fora, afinal, o desporto favorito daquele pequeno aglomerado de casas enfiado num monte antes predominado pelo capim.

A casa amarela pertencia a Rodolfo Salgueiro — melhor dizendo, ao Sr. Salgueiro, como gostava de ser formalmente chamado — e à Dona Albertina, a sua atual esposa. Não se podia dizer que era uma casa diminuta, principalmente comparando com as outras, mas também não era nenhuma mansão. Dispunha de dois pisos — o inferior onde ficava a sala, a casa de banho e a cozinha, e o superior onde tinham sido acomodados os quartos — um quintal de mármore branco e negro, decorado com alguns vasos donde despontavam as mais variadas flores, garagem para um carro, uma cave e um sótão.

No Poço dos Desejos, todos conheciam o casal Salgueiro, donos do único talho da povoação. A “*Toca do Lobo*”, como era chamado, fornecia carne aos moradores, pelo menos para aqueles que não se deslocavam propositadamente até ao hipermercado para se abastecerem de bens a preços muito mais razoáveis, uma opção que Rodolfo Salgueiro frequentemente criticava. Bradava no café para quem quisesse ouvir, entre dois copos de whisky, que os hipermercados vieram matar o espírito de comunidade, afastar as pessoas umas das outras, transformando-as em consumidores sem rosto.

— Lá vai o tempo em que eu conhecia cada rosto dos moradores do Poço dos Desejos — gostava de grazinar para quem estivesse disposto a ouvi-lo. — Agora, até os filhos dos meus amigos mergulham nas grandes superfícies e nem se dão ao trabalho de conhecer o comércio tradicional do lugar onde moram!

— São os novos tempos — contrapôs um velhote de rosto enrugado e nariz batatado, encolhido num canto a beber um café

e um bagaço, com a boina a pender-lhe sobre os cabelos brancos, escondendo-lhe parte da face.

— Novos tempos, o tanas! — rabujou Rodolfo, com as pontas do bigode eriçadas. — Eu chamo-lhe falta de respeito destes novos-ricos que não têm onde cair mortos!

Afirmações como estas despertavam um misto de medo e de respeito nos vizinhos. As opiniões sobre o casal Salgueiro dividiam-se. Quem se cruzasse com os dois na rua cumprimentava-os com cordialidade, esboçando um sorriso e esticando educadamente a mão, mas quando se reuniam no café, sempre que eles não estavam presentes, os comentários eram corrosivos, apontados principalmente à atitude do Sr. Salgueiro, quer com os filhos quer com os amigos. O rosto carrancudo, a voz roufenha, a acidez das suas opiniões, tudo servia de motivo para análise, e nem o facto de ele ter sido um dos primeiros a habitar o Poço dos Desejos lhe dava algum crédito. Mas o que mais lhe apontavam, o que mais causava maior desconforto aos vizinhos, era a relação conflituosa que o casal mantinha com a filha mais velha do Sr. Salgueiro...

— Margarida! — gritou o Sr. Salgueiro do fundo da escada, franzindo a testa, com os dedos a martelarem impacientemente o corrimão de madeira. — Estás atrasada, estás mais uma vez atrasada! Se queres boleia para a escola aconselho que te despaches, senão saio sem ti!

Margarida deu um salto e sentiu as pernas tremelicarem com o grazinar do pai. Sempre que o ouvia chamá-la naquele timbre intimidador, o corpo reagia da mesma forma, num espasmo incontrollável, tal era o receio que a cavernosa voz lhe causava. Na realidade, ela não estava atrasada, pois já tinha vestido as calças de ganga e calçado as brilhantes galochas vermelhas. A camisola de riscas coloridas já assentara sobre outra mais fina, arroxeadada e de gola alta, e até trajava a acolchoada gabardina branca, mas perdera-se a observar através da pequena janela a chuva que caía lá fora e as gotas que escorriam pelo vidro embaçado, o que a levou a perder noção do tempo.

Apesar de já ter treze anos e de se considerar uma “adulta”, adorava apreciar a chuva que caía em dias pardacentos e imaginar-se num outro lugar, distante, fora deste mundo e deste tempo. Nesses sonhos, encontrava-se numa casa de paredes de pedra tosca, com um telhado de madeira velha, perdida num imenso prado de um verde vivo que ganhava nova vida sob a água que se precipitava do céu. Nos seus privados devaneios, via-se envergando um belo vestido de seda azul e saia larga, com uma tiara cravejada de diamantes presa no cabelo. Ficava sentada num toucador, aquecida por uma enorme lareira que crepitava a seu lado, à espera da chegada do príncipe encantado que, montado no seu cavalo branco, a levaria para longe, talvez para um enorme castelo de torres altas onde seria coroada rainha e onde...

— Margarida! — gritou o pai, cuja paciência se esvaziava a grande velocidade. — Não te volto a chamar!

A casa de pedra com a lenha crepitante esfumou-se rapidamente! Deu lugar ao apertado sótão onde realmente dormia. Ali, não existiam vastos salões decorados com sofás e cadeirões forrados a veludo, nem longas mesas onde eram servidos succulentos banquetes em dias de festa, ao som das harpas de menestrelis e do humor dos bobos. Não existiam armaduras com elmos reluzentes alinhadas nas paredes, archotes assentes em mãos de ferro a iluminar longos e soturnos corredores, quadros ou tapeçarias de grandes mestres penduradas para serem devidamente apreciadas, nem tetos abrilhantados com frescos. Não existiam monstros, feiticeiros ou dragões, muito menos heróis que sacrificariam as suas vidas para salvar damas em perigo.

Para além da pequena e desengonçada cama metálica da Margarida, completamente desajustada ao seu corpo longo e esguio, no sótão erguiam-se montanhas de inutilidades, um acumular de objetos adquiridos ao longo dos anos e abandonados à sua sorte no apertado espaço. Podiam ver-se bicicletas sem rodas, mordidas pela ferrugem, caixas de cartão com os cantos húmidos e rasgados, guardadas “por precaução”, arcas com roupas velhas, pilhas de livros com capas gastas e páginas amarela-

das, candeeiros partidos, móveis de portas enguiçadas — alguns mancos de uma ou mais pernas — entre mil e uma outras coisas.

O Sr. Salgueiro não gostava de deitar velharias para o lixo. Dizia que era um disparate, uma atitude típica de novos-ricos. Para ele, qualquer pedaço de lixo podia sempre ter uma nova utilidade, bastava usar a imaginação — algo que por natureza ele próprio não tinha. Só quando a mostarda lhe subia ao nariz (o que acontecia frequentemente) é que invadia de rompante o sótão para fazer uma limpeza geral, como lhe chamava, mas que basicamente se reduzia a deitar meia dúzia de coisas fora, normalmente os caixotes húmidos e esburacados e nunca os objetos mais volumosos. Isto implicava que, com a passagem dos anos, o espaço reservado a Margarida fosse sendo reduzindo, à medida que as velharias se empilhavam e a cercavam, deixando a cama metálica cada vez mais isolada.

— Margarida!

— Já vou! — respondeu a rapariga, arrebatando da cama a mochila rosa decorada com vários porta-chaves onde bonecos coloridos baloiçavam a cada passada.

Enquanto descia as escadas de madeira em passo acelerado, Margarida ponderou a hipótese que, para o pai, ela não passava de mais um dos diversos objetos poeirentos que, ao perderem a utilidade ou ao verem-se ultrapassados por um modelo novo, eram remetidos para o apertado sótão. Deveria também ela aguardar pacientemente uma oportunidade para ser reaproveitada, como os eletrodomésticos que iriam envelhecer e enferrujar longe de olhares alheios, lentamente e sem qualquer honra?

Mal passou pela enorme figura que enchia o corredor, Margarida não evitou levar uma palmada na cabeça! Cerrou os dentes e olhou-o sobre o ombro, mas não por muito tempo. Os pequenos olhos negros do pai, mergulhados num rosto rechonchudo e avermelhado, resguardados por pesadas sobrancelhas escuras, fitavam-na com fúria, mordiscando-lhe o pescoço. Margarida já conhecia o peso da mão do pai, e não queria senti-la novamente.

— Toca a andar, mandriona! — resmungou o Sr. Salgueiro.  
— Já para dentro do carro!

— Mas eu ainda não tomei o pequeno-almoço — lamentou-se Margarida.

— Tivesses acordado mais cedo — respondeu-lhe o pai. — Os teus irmãos já estão prontos, e certamente não vão ficar à tua espera. Vamos, à minha frente!

— Tenho fome! — insistiu Margarida.

— A sério? — zombou o pai. — Não me digas que nesses mundos de fantasia, onde passas a vida a passear, não servem pratos de massa nem jarros de sumo a meninas como tu!

Margarida baixou o olhar, ofendida pelos seus sonhos estarem a ser chacoteados pelo pai. Da cozinha veio o agradável aroma a torradas acabadas de fazer e a doce de morango, misturado com o de chocolate quente saído do lume. Margarida ouviu o estômago resmungar, reivindicando ser alimentado com a máxima urgência. Ao ver a porta da cozinha ser aberta teve esperanças que a madrastra lhe trouxesse algo embrulhado num pano para petiscar pelo caminho, talvez um par de fatias de pão barradas com doce ou até mesmo uma peça de fruta. Uma simples maçã verde seria mais do que suficiente.

— Anda sempre com a cabeça na lua, esta rapariga! — exclamou a Sra. Albertina Salgueiro, saída da cozinha, uma mulher baixa mas de ombros largos, com braços quase tão maciços com os do pai. Possuidora de lábios finos e rosto arredondado, de um olhar azul gelado e assustador, deixava cair os oleosos cabelos negros sobre o avental que envergava durante a maior parte do dia. Passava horas em frente ao fogão, a preparar as refeições, com a televisão sempre ligada numa qualquer novela, sem se dar ao trabalho de ouvir um noticiário, ler um jornal ou informar-se sobre o mundo para além das quatro paredes gordurentas da cozinha, forradas a azulejo. O que tinha de boa cozinheira faltava-lhe em sensibilidade e conhecimento da realidade. — Fruta podre, digo eu, pois se tivesse nascido do meu ventre não se perdia em mundos de fantasia!

“*Fruta podre*”, pensou Margarida, ouvindo as incisivas palavras de Albertina Salgueiro, que deu meia volta e regressou à cozinha. Era assim que a madrastra a via, como um elemento es-

tragado, sem qualquer utilidade. Albertina não nutria um pingo de amor por Margarida e não se esforçava por disfarçar essa ausência de sentimento. Não era sua filha, não tinha saído do seu ventre, não passava de um peso morto que teria de sustentar a contragosto. Nessas alturas, uma raiva enorme percorria o corpo da jovem rapariga de olhos verdes e cabelos castanhos ondulados. Apetecia-lhe saltar para cima da madrasta e descarregar a dor que aquelas palavras lhe causavam, mas Margarida não era assim. Detestava violência e acreditava que o diálogo era a solução para resolver todos os problemas, embora o diálogo ainda não a tivesse tirado do sótão e da pequena cama que compunham o seu improvisado quarto.

Com o estômago a dar horas, Margarida apressou-se a entrar no carro onde já a aguardavam os três irmãos: Pedro, Miguel e Maria. Pedro estava sentado no banco da frente com um ar pensativo, esfregando a testa com a ponta dos dedos, enquanto ela ficou atrás, ao lado dos gémeos. Os olhares negros e cabelos morenos dos irmãos, que contrastavam com os seus olhos e cabelos claros, faziam-na sentir-se uma pária dentro da viatura.

— Atrasada! Atrasada!

— Sempre atrasada! Cabeça no ar!

— Fruta podre! Fruta podre!

Os gémeos, como sempre, não perdiam uma oportunidade para a achincalharem. Os seus pequenos olhos negros brilhavam sob as melenas que lhes caíam sobre a face. Repetiam o que a mãe e o pai diziam que nem macacos de imitação, e riam-se muito quando Margarida ficava com as maçãs do rosto rubras, incapaz de se insurgir por medo da reação intempestiva do Sr. Salgueiro. Margarida imaginou-se a distribuir açoitos pelos dois, ainda mais porque era seis anos mais velha e achava que tinha esse direito, mas ficou-se pelo desejo, porque o pai entrou nesse preciso momento no carro.

— Não chateiem a vossa irmã — resmungou Pedro, sem olhar para trás. — Ela pode não reagir, mas eu não tenho problemas em assentar-vos umas lambadas!

— Está quieto e calado, Pedro, que os miúdos têm razão — refutou o pai, enquanto ligava o carro e iniciava a marcha. — Esta rapariga é sempre a mesma coisa!

— Sim, temos razão, ouviste, Pedro?

— Fruta podre! Ela é uma fruta podre!

Margarida cerrou os dentes enquanto os gémeos riam baixinho. Pedro limitou-se a encolher os ombros e olhar em frente. Mal o carro arrancou, Margarida encostou a cabeça ao vidro, observando a paisagem que passava rapidamente por si, transformando-se num borrão. Mais uma vez os gémeos sentiram-se protegidos pelo pai nos seus insultos, e legitimados a fazer novos ataques assim que se proporcionasse uma boa ocasião. O único conforto da Margarida era o apoio do irmão Pedro, apenas um ano mais novo que ela. Tinham crescido juntos na casa amarela e, apesar de não partilharem a mesma mãe, criaram laços de amizade que dificilmente seriam quebrados. Sempre se protegeram, embora ela fosse vítima de mais ataques, e juntos souberam evitar alguns momentos de fúria protagonizados pelo casal Salgueiro, tanto por Rodolfo como por Albertina. Com o nascimento dos gémeos tudo mudou, mas para pior, e a vida da Margarida tornou-se cada vez mais complicada. Miguel e Maria foram demasiado mimados pelo casal, assumiram todo o protagonismo dentro da casa e não perderam tempo em atacar Margarida, fazendo dela um alvo a abater, pois era filha de outra mulher, uma estranha com quem não queriam partilhar o seu espaço, muito menos as suas coisas.

A viagem do Sr. Salgueiro foi curta, parando poucos minutos depois. Ao contrário do que tinha dito, não transportaria Margarida diretamente até à escola. Como habitualmente fazia, deixaria os miúdos o mais próximo possível das respetivas escolas, desde que isso não o obrigasse a desviar-se do caminho até ao talho. Os mais sortudos eram os gémeos, cuja escola ficava mesmo à beira da estrada. O pai fazia questão de deixá-los à porta e beijá-los na cabeça. Pedro seguiria com o Sr. Salgueiro até ao talho, à frente do qual estava a paragem de autocarro que o transportaria para a sua nova escola. Quanto a Margarida, foi deixada

perto de um carreiro de terra que atravessava um sinistro canavial que se agitava ao vento. Teria de percorrê-lo para alcançar um velho edifício que era o seu estabelecimento de ensino, uma estrutura deteriorada e fragilizada pela passagem do tempo, com os estragos a transparecerem em cada parede branca. Rodolfo Salgueiro esforçara-se para que Pedro fosse transferido para uma escola mais moderna, pois achava que as potencialidades do filho perder-se-iam naquele fim de mundo, mas nada fizera para tirar Margarida dali.

— Uma cabeça no ar como tu não precisa mais do que isto para se educar — dissera-lhe um dia, para sua grande tristeza. — Se fosses como o teu irmão, inteligente e visionário, podia tirar-te daqui, mas para quê o esforço, se passas os dias a sonhar com mundos que não existem e a fantasiar com príncipes encantados? Vais acabar por te casar com um tipo qualquer do Poço dos Desejos e servi-lo como uma esposa dedicada, pois não vejo outra utilidade para ti.

Nessa noite, Margarida chorou até os olhos incharem. Enroscou-se nos lençóis que cheiravam a lavanda e desejou que o mundo acabasse. Fora reduzida a um mísero inseto, e sentia-se mais pequena e insignificante do que os inúmeros monos que se acotovavam no sótão onde dormia. Tentou refugiar-se nos seus mundos imaginários, sonhar com o príncipe salvador na esperança que ele aparecesse, mas tudo lhe pareceu tão distante e frio como as paredes da sua casa. Desde esse dia começou a convencer-se que o pai tinha razão, e a chama sonhadora que sempre ardera no seu peito acabou por esmorecer.

Já virara as costas ao carro e preparava-se para caminhar pela vereda, com o capuz da gabardina colocado sobre a cabeça — pois ainda chovia e esquecera-se do chapéu-de-chuva em casa — quando a voz do pai fê-la olhar para trás.

— Margarida, espera um pouco! — exclamou.

O Sr. Salgueiro saiu apressadamente do carro, evitando ser atingido por uma carrinha que apitou diversas vezes e por pouco não lhe arrancou a porta dos encaixes! Tentando resguardar-se da chuva que lhe encharcava os ralos cabelos negros e o farto

bigode, aproximou-se da filha. Sem dizer mais nada, retirou do bolso do casaco uma caixa que continha sete canetas pretas e entregou-a a Margarida.

— Parabéns! — exclamou Rodolfo, esforçando-se por esboçar um sorriso, oculto pelo bigode.

— Parabéns? Porquê? — perguntou Margarida, surpreendida, olhando para as canetas com extrema curiosidade.

— Porquê? Ora, mas que pergunta idiota! Pelo teu aniversário, cabeça no ar, porque é que havia de ser?

— Mas eu não faço anos hoje, pai!

— Não? — perguntou o Sr. Salgueiro, coçando os cabelos.

— Acertaste no dia, mas falhaste no mês. É para o mês que vem.

— Hum... — murmurou Rodolfo, sem saber ao certo o que dizer, observando a filha que olhava atentamente para a prenda que o pai lhe tinha dado. Ainda pensou em arrancar a caixa das mãos de Margarida para voltar a dar-lhe no mês seguinte, mas ponderou um pouco e tomou outra decisão.

— Fica à mesma com as canetas! — exclamou, recolhendo o sorriso. — Mas não esperes por outra prenda daqui a um mês!

— E porque é que me compraste uma caixa com canetas todas pretas? — perguntou Margarida, cada vez mais intrigada com a oferta. — Não havia conjuntos com várias cores?

— Porque foi a mais barata, estava abandonada numa das prateleiras e o vendedor fez-me um desconto, já que ninguém lhe pegava — respondeu o pai, irritado por se ver confrontado com tantas perguntas. — Parece que o antigo dono da loja as encontrou há alguns anos e nunca as conseguiu vender. Como tu estás habituada a velharias, pensei que... Olha, se não as quiseres, manda-as para o lixo, atira-as para o matagal ou oferece-as a um dos teus colegas! Se soubesse que ias resmungar tanto, deixava-te de mãos vazias!

— Obrigado — agradeceu Margarida que, apesar do erro na data e do facto das canetas serem da mesma cor, apreciou o gesto do pai.

— Pois, pois...

Dizendo isto, o Sr. Salgueiro virou costas a Margarida, entrou no carro e partiu para o talho, deixando para trás a filha com a caixa de canetas pretas nas mãos, sob a chuva que não abrandava. Pedro lançou um último olhar à irmã antes do carro arrancar, mas ela nem o viu. O olhar perspicaz de Margarida prendeu-se na caixa de tampa transparente que segurava. Em letras gordas e douradas, com um rebordo branco, gravadas sobre um fundo preto, podia-se ler um nome invulgar: Illusya.

*“Estranho, não conhecia esta marca de canetas nem de marcadores”* — pensou Margarida, continuando a sua atenta investigação, passando os dedos pela superfície fria e encharcada pela chuva.

Após rodar várias vezes a caixa, onde sob a palavra Illusya estava desenhado uma espécie de brasão dividido em quatro — com um dragão, um leão, uma serpente marinha e uma águia — descobriu num dos cantos, escrito com letra pequena, algo peculiar. Era um nome, tão bizarro como a marca das canetas, que aparentemente corresponderia ao seu dono: Propriedade de Artemius Wiz.

Apesar da curiosidade que todas aquelas palavras lhe causavam — e era muita — Margarida sabia que estava atrasada para as aulas e tinha um tortuoso caminho a percorrer. Responsável como sempre, limitou-se a guardar a misteriosa caixa dentro da mochila rosa, colocando-a junto dos livros, dos cadernos e do estojo. Enquanto as suas galochas chapinhavam na lama que se acumulava ao longo do carreiro e corria na direção da escola cercada pelo matagal por onde o vento uivava, no interior da sua mochila algo acontecia. As letras douradas da caixa começaram a brilhar com intensidade, como se tivessem sido acordadas de um longo e profundo sono...

## A PORTA PEQUENA

**A**manhã passou num ápice. As aulas de Geografia, História e Matemática já não passavam de um borrão na memória da Margarida. Durante as mesmas, perdera-se a olhar para as paredes carregadas de bolor, para as bolsas de humidade que se formavam no teto falso, para os quadros de cortiça que ameaçavam cair a qualquer momento e até mesmo para as janelas partidas ou rachadas, através das quais o vento uivava e enregelava a sala de aula. Embora os seus olhos se distraíssem com as deploráveis condições da escola, a sua mente vagueava pelo interior da mochila rosa que repousava a seus pés, e pelas palavras douradas que brilhavam sobre a superfície negra da misteriosa caixa de tampa transparente com sete canetas que o pai lhe oferecera.

Cada vez que a roliça professora Catarina, a carrancuda professora Isabel ou a divertida professora Rosa abriram a boca para teorizarem sobre os fluxos migratórios em Geografia, as mudanças no séc. XV e XVI em História ou sobre funções e equações em Matemática, Margarida só ouvia as palavras Illusya e Artemius Wiz martelarem-lhe o cérebro, repetidas até à exaustão. Ardia-lhe no peito o desejo de alcançar a mochila, retirar a caixa negra e abri-la, para analisar cada centímetro de cada caneta em busca de novas pistas.

Quem seria o tal Artemius Wiz, dono das canetas, e como elas teriam chegado à prateleira de uma qualquer loja do Poço dos Desejos, abandonadas ao seu destino?

«*Para com isso, Margarida*» — pensou, tentando clarear a cabeça. — «*Não passam de canetas, simples canetas pretas. Não têm nada de misterioso!*»

Por mais que se tentasse convencer de que tudo não passava de cenários formulados pela sua vívida imaginação, a mente de Margarida fervilhava de curiosidade, e desejava ardentemente que as aulas terminassem para voltar a ter a caixa negra nas mãos.

Ao ouvir o soar da campainha, assinalando o fim da aula da Professora Rosa, que se esforçava para acabar um raciocínio antes que os alunos debandassem, Margarida saltou da sua cadeira, quase derrubando o pequeno Zé, o colega com quem partilhava a mesa. Com a mochila colocada apressadamente às costas, segura num só ombro, correu para a biblioteca, atravessando o pátio interno e a sala de convívio em passo acelerado. Nem reparou na Joana Biscoito e na Diana Faisca, as suas melhores amigas, que só tiveram tempo de lhe acenar antes que desaparecesse atrás de uma pesada porta.

— O que é que se passará com a Margarida? — questionou-se Diana, perplexa. — Será que não nos viu?

— Já deve estar a passear-se por um outro mundo, como sempre... — alvitrou Joana, esboçando um sorriso, sendo reprimida por uma suave cotovelada de Diana.

No interior da biblioteca, Margarida sentia-se protegida. Bastava-lhe entrar naquele local de conhecimento para ser envolvida num conforto inexplicável. Fosse pelo silêncio imposto pela Dona Lurdes — uma simpática e pequena funcionária com os cabelos pintados de laranja que combinavam com o tom das unhas, e um enorme sorriso no rosto que lhe vincava as rugas escondidas sob as várias camadas de maquilhagem — ou então pelas prateleiras forradas de livros, em que cada obra a vigiava e guardava que nem um autêntico soldado de um castelo real, este era verdadeiramente o seu templo, o seu mundo, longe da cruel realidade em que se transformara a sua vida.

Mas naquele dia, Margarida não estava interessada nos livros que devorava sempre que tinha uns minutos livres. Ao con-

trário do que sucedia noutros dias, respondeu com um curto sorriso ao caloroso cumprimento da Dona Lurdes, que via nela a sua melhor “cliente”. Sem mais demoras, procurou um lugar vazio para se sentar, o que não foi uma tarefa difícil de concretizar, tanto devido aos maus hábitos de leitura dos colegas como a fatores supostamente sobrenaturais. Rumores corriam entre os alunos que o edifício que agora servia de escola tinha sido originalmente um mosteiro, e depois um hospício para onde eram levados os casos mais graves de perturbações mentais. Contava-se ainda que um misterioso incêndio de causas desconhecidas vitimou grande parte dos doentes e fez com que o hospício fosse definitivamente encerrado. Multiplicavam-se as rezas que mencionavam a existência de espíritos das vítimas dos incêndios a deambularem pelos longos corredores e antigas enfermarias — uma delas agora transformada em biblioteca — presos para sempre no mundo dos mortais até que os criminosos responsáveis pelo incêndio fossem encontrados e castigados.

Já se tinham passado vinte anos desde o incêndio, e esse não era assunto que inquietasse Margarida, despreocupada com fantasmas e almas penadas. Percorreu a longa ala dos enfermos onde tinha sido acomodada a biblioteca para se sentar junto de uma das mesas de madeira escura que compunham a área de leitura. Mal se acomodou, viu a esquelética e melancólica figura de Amanda Serafim a percorrer o corredor perpendicular às alas formadas pelas prateleiras, certamente à procura de um livro sobre dietas, tal era a sua obsessão com o peso, apesar da extrema magreza. Ouviu também uma passada arrastada, um pouco mais afastada, e embora não visse de quem era percebeu que se tratava de um adulto, possivelmente um professor. Das vinte mesas que compunham a área de leitura, só a mesa mais próxima das longas e estreitas janelas de ferro e vidro estava ocupada, para além da sua, é claro.

Ela reconheceu o rosto arredondado, marcado pelo acne juvenil e pelas sardas, com os espessos cabelos castanhos revoltos a caírem sobre a armação vermelha dos óculos. Bruno Lagarto era o seu nome, e competia com Margarida nas vezes em que vi-

sitava a biblioteca, tal era o seu interesse por livros. Mais uma vez lá estava ele, atafalhado em roupa, com os dedos rechonchudos a percorrerem as páginas de um clássico da literatura fantástica, bebendo cada palavra como se fosse uma história real.

O rapaz levantou o olhar quando a viu chegar e sentiu o rosto aquecer. Embora nunca tivessem trocado palavras, Bruno via nela uma alma gémea, pois muitas vezes a observara a ler livros que ele anteriormente tinha lido, ou a pesquisar nas mesmas prateleiras onde ele próprio se perdia durante os intervalos das aulas. Via em Margarida a sua versão feminina, a única pessoa naquela escola de quem podia ser amigo, mas jamais teria a ousadia de se levantar do seu lugar e apresentar-se. Preferia observá-la pelo canto do olho e fantasiar com esse momento, como já fizera milhares de vezes, do que concretizá-lo e vir a sofrer uma grande desilusão.

Sem demora, Margarida retirou as canetas da mochila e colocou-as sobre a mesa, seguindo-se um dos seus cadernos e o estojo. Atabalhoadamente, abriu a caixa de tampa transparente e retirou as canetas, que se espalharam ruidosamente sobre a mesa, forçando um “*chiu*” da parte da Dona Lurdes e um movimento rápido para que nenhuma rolasse para o chão. Estava plenamente convencida que as canetas teriam mais pistas sobre a sua origem e sobre os estranhos nomes escritos na caixa, por isso pegou numa delas e observou atentamente a sua superfície dura, fria e negra como ébano.

Reparou que, no topo da tampa, tal como perto da base de cada uma, existia um símbolo gravado a ouro, diferente de caneta para caneta. Alinhou-as, apressou-se a retirar uma esferográfica do estojo e aproximou o rosto, analisando com atenção cada símbolo para poder desenhá-lo no caderno.

— Uma chama, uma gota de água, uma árvore, uma estrela, um raio, a torre de um castelo e um quarto minguante da lua — murmurou, à medida que copiava os desenhos e escrevia a respetiva descrição sob os mesmos.

Bruno estranhou a atitude de Margarida. Claramente não tinha ido à biblioteca à procura de um livro da excelente coleção

de ficção, nem tampouco procurara o silêncio da antiga ala dos enfermos para estudar. Limitava-se a observar um conjunto de sete canetas pretas e a escrevinhar no caderno, enquanto balbuciava palavras que ele próprio não conseguia descodificar. Intrigado, Bruno fechou com cuidado o terceiro volume da saga que estava a ler e movimentou-se silenciosamente para a mesa situada ao lado de Margarida, que não se apercebeu da sua presença.

— Illusya e Artemius Wiz — sussurrou Margarida, enquanto acrescentava os nomes à sua lista de pistas e mordiscava a esferográfica entre os molares. — Sete canetas com sete símbolos... O que é que isto quererá dizer?

Enchendo-se de coragem, Margarida pegou na caneta que tinha a chama gravada e suavemente rodou a tampa, que se soltou com um estalo seco. Para sua surpresa, não encontrou uma ponta de feltro, mas sim um aparo, como os que via nos livros de história a serem mergulhados em boiões de tinta, associados a penas de ganso!

Bruno também arregalou os olhos e ajustou os óculos, ainda mais quando a rapariga bateu com os nós dos dedos na superfície negra da caneta e percebeu que se tratava de madeira, e não plástico. Uma observação mais atenta da caixa deu para entender que também era feita de madeira, embora mais fina e flexível, em vez de cartão como originalmente pensara, com uma tampa de vidro e não de plástico transparente.

*«Definitivamente que estas canetas não vieram de nenhuma linha de montagem»* — pensou Margarida, maravilhada com as suas descobertas, apontando tudo no seu caderno. — *«Que mistério é que escondem, quem é que as fez e como é que acabaram por vir ter às minhas mãos?»*

Com o coração a tamborilar no peito, Margarida soube que só lhe faltava dar um passo final para concluir esta sua pequena investigação: utilizar uma das canetas!

Apressou-se a rasgar a folha do fundo do caderno e, com a Chama na mão — decidira identificar as canetas pelos seus símbolos — aproximou o aparo da superfície em branco. Os dedos tremiam-lhe, a palma da mão estava suada. Podia jurar que, à

medida que a caneta se aproximava do papel, o símbolo da chama brilhava, mas sacudiu a cabeça pois só podia ser a sua imaginação a pregar-lhe uma valente partida.

Preocupada em não ser vista, pois desconhecia o poder da caneta e o que implicava utilizá-la, apressou em olhar ao seu redor. Reparou no Bruno Lagarto, mais perto de si, mas com a cabeça mergulhada no livro da trilogia que estava de pernas para o ar. Encolheu os ombros e procurou por Amanda Serafim, mas a rapariga já tinha saído da biblioteca num passo leve, como um fantasma. Apercebeu-se também dum ombro coberto por uma longa capa negra atrás de uma das prateleiras, certamente um professor que devia estar a consultar uma qualquer obra, muito possivelmente um clássico. Atrás de si, a Dona Lurdes permanecia ao balcão a ler revistas sociais, soltando uma risada de vez em quando, comentando consigo mesmo as novidades que descobria.

*«E se nada acontecer? E se todo este mistério que estou para aqui a magiar não passar mesmo de fantasia, da imaginação de uma “fruta podre”?»* — ponderou, lembrando-se estranhamente do rosto dos gémeos, hesitando um pouco antes de escrever. — *«E se quando pousar o aparo e fizer uma linha, essa linha for tão normal como qualquer outra?»*

O último pensamento fê-la hesitar. Embora conseguisse antecipar a desilusão que sentiria e a humilhação que sofreria às mãos dos seus irmãos, a curiosidade foi mais forte do que qualquer dúvida ou receio. Desceu a mão, e estava a ponta dourada prestes a tocar no papel quando duas vozes familiares a fizeram saltar da cadeira!

— *Maga*, o que é que se passa contigo?

— Estávamos à tua espera para almoçar e vieste enfiar-te aqui dentro?

Margarida recuperou-se do susto e espreitou sobre o ombro. Lá estavam Joana Biscoito e Diana Faísca, paradas a olhar para si. Enquanto Joana se vestia com uma amálgama de cores donde se destacavam os ténis vermelhos, as meias lilases sob a minissaia roxa, o camisolão amarelo às riscas pretas, as pulseiras

e brincos azuis e os anéis laranja, Diana era mais discreta, envergando calças de ganga, um camisolão azul claro e ténis brancos. As duas distinguiam-se também pelos penteados, sendo que a trança negra de Diana que lhe chegava ao fundo das costas nada tinha a haver com a mistura vermelha e negra que compunha os espigões de cabelos que se mantinham firmes na cabeça da Joana, a combinar com o piercing do nariz.

— Raios! — resmungou Margarida. — Quase que me matam do coração!

— O que é que tens para aí, *Maga*? — perguntou Joana, esticando o pescoço e vendo as sete canetas sobre o tampo de madeira.

— Uma prenda de anos do meu pai — respondeu Margarida, apressando-se a guardar as canetas dentro da caixa.

— Prenda de anos do teu pai? — perguntou Diana, com um ar intrigado. — Mas tu só fazes anos para o mês que vem! Quem é que dá prendas um mês antes do aniversário? E que rascunhos são esses?

— Não tens nada a ver com isso! — gritou Margarida, rasgando tão impetuosamente a folha onde apontara as pistas que acabou por arrancar mais três folhas. Guardou os apontamentos no bolso da gabardina antes que novas perguntas fossem feitas.

Diana, assustada com a reação intempestiva da Margarida, inesperada e efusiva, sentiu o ar fugir-lhe do peito. Apressou-se a levar a mão ao bolso e retirou o inalador da asma, aspirando-o imediatamente. Só aí é que Margarida se apercebeu que tinha passado os limites e que, naqueles breves segundos, aproximara-se muito da figura censória do pai que tanto criticava. Respirou fundo, guardou a caixa das canetas dentro da mochila, juntamente com o estojo e o caderno. Levantou-se e aproximou-se das amigas.

— Desculpem — pediu. — Eu não estava à espera de receber uma prenda do meu pai. Ainda por cima pus-me para aqui a fantasiar sobre as canetas e nem dei pelo tempo a passar. Estás bem, Diana?

— Estou sim, *Maga*! — respondeu a amiga, guardando o inalador e esboçando um sorriso. — Mas tens de me contar tudo sobre essas canetas e o que é que elas têm de tão especial.

— Contas-lhe mais tarde, que a hora de almoço está quase a acabar! — exclamou Joana, com os olhos azuis muito abertos. — Não podemos fazer investigações de barriga vazia, certo? A não ser que prefiras ir almoçar com o Bruno Lagarto, que se está a babar para ti...

As duas amigas gargalharam enquanto Margarida fitou o desarranjado rapaz que tentou disfarçar o embaraço, afundando ainda mais o rosto nas páginas do livro, percebendo finalmente que o tinha colocado de pernas para o ar e atrapalhadamente reposicionando-o. Quase o deixou cair durante a manobra desesperada, acabando por fechá-lo enquanto as três amigas abandonavam a biblioteca.

Durante o resto do dia, Margarida optou por não pegar novamente nas canetas. Esperaria até chegar a casa. Apenas partilhou as suas suspeitas com as amigas e obteve reações bem diferentes. Enquanto Diana ouvia tudo atentamente, absorvendo as novidades com os olhos muito abertos, Joana ria-se muito e achava a história extremamente divertida, sempre respeitando os pensamentos da Margarida, ou da *Maga*, como gostavam de chamá-la devido às suas ideias fantasiosas. Junto das suas amigas, Margarida sentia-se à vontade, livre de receios, aliviada por poder partilhar os seus sonhos e desejos sem ter medo de ser ridicularizada. Acreditava que podiam existir reinos para além do nosso, onde a magia convivia de mãos dadas com a ciência. Defendia a ideia que estava nas mãos de cada um de nós mudar o seu destino, desde que acreditasse nos seus sonhos, independentemente do que os outros pudessem pensar. Falava em mundos distantes à espera de serem encontrados, e que ele procuraria incessantemente!

Muitas das vezes Joana discordava do seu ponto de vista, achando-o demasiadamente fantasioso, mas sempre a escutara com extrema atenção. Margarida conhecia-as desde a primária, eram o mais próximo que tinha de irmãs, e estava certa que ficariam juntas até chegarem aos cem anos!

Ao contrário da manhã, que passou num ápice, a tarde arastou-se penosamente. Margarida tentou abstrair-se da história das canetas para tomar mais atenção ao resto das aulas — e quase que conseguiu — até que o toque da campainha que marcava o fim do dia soou aos seus ouvidos. A Professora Celestina prolongou a aula de Física e Química vinte minutos além da hora, o que a obrigou a correr pelo carreiro até chegar à estrada. Já não chovia, mas o terreno continuava enlameado, e não foram poucas as vezes que Margarida quase se estatelou na lama. O pai não estaria à sua espera na berma da estrada porque o talho só fechava horas depois, mas não se podia atrasar. Teria de se apressar e correr até à escola dos gémeos, onde apanharia boleia da madrasta que a transportaria para casa. Falhasse a margem de cinco minutos e a madrasta apressar-se-ia a contar ao pai, inventando que a rapariga tinha andado a passear em vez de ir ter com ela para não a ajudar na cozinha ou a tratar dos gémeos. Tudo correu bem, graças a uma corrida que lhe roubou o fôlego e lhe deixou as pernas trémulas. Minutos depois estava de volta à casa amarela.

— Margarida, onde é que pensas que vais? — gritou a madrasta, ao vê-la correr na direção das escadas que davam acesso ao sótão. — O jantar ainda não está feito e o teu pai está quase a chegar!

— Falta mais de uma hora! — respondeu-lhe Margarida, galgando os degraus.

— E os gémeos, quem é que vai brincar com os gémeos? — resmungou Albertina, furiosa com a atitude da enteada.

— Eles que brinquem sozinhos, já estão crescidos!

Margarida fechou a porta sob um chorrilho de insultos, em que a expressão “fruta podre” foi recorrente, mas fingiu nada ouvir. Sabia que esta atitude, ainda mais com os gémeos a escutarem e registar cada momento, valer-lhe-ia um severo castigo, mas naquele momento só lhe apetecia manusear as canetas e finalmente utilizá-las. Afastando a tralha que a cercava, ganhando espaço no seu mundo de inutilidades, sentou-se na cama, abriu a mochila e tirou as canetas, assim como o caderno de páginas

brancas. Procurou pela Chama e, segundos depois, já tinha removido a tampa de madeira da caneta.

«*Desta vez não vou perder tempo e ninguém me vai interromper*» — pensou.

Depois de inspirar fundo, aproximou o aparo dourado do papel. O símbolo gravado brilhou com maior intensidade, a mão da Margarida voltou a suar e, assim que um pequeno traço foi feito, os seus olhos verdes arregalaram-se. O traço que surgiu não era preto, mas sim vermelho, de um vermelho vivo que Margarida nunca antes vira. Apressou-se a experimentar as outras canetas, trocando-as a grande velocidade, e cada uma produziu um traço de cor diferente. A Chama era vermelha, a Gota era azul, a Árvore era verde, a Estrela era amarela, o Raio era laranja, a Torre era roxa e a Lua violeta.

— As cores do arco-íris! — exclamou. — Agora tenho a certeza que estas canetas não são normais!

— Margarida, abre imediatamente a porta! — gritou a madrastra, batendo violentamente com o punho na superfície de madeira, com tal veemência que todo o sótão tremeu. — Ou vais brincar com os gémeos ou vens ajudar-me na cozinha! Decide-te!

— Vou já! — respondeu a rapariga, divida entre as suas obrigações e a mais recente descoberta. Se fosse o pai a mandá-la descer, não pensaria duas vezes, mas a madrastra, apesar do veneno que cuspia, não lhe impunha tanto respeito. Ela que esperasse!

— Dou-te cinco minutos para desceres! — avisou a madrastra. — Se não me obedeceres vou ter de contar tudo ao teu pai, e não vou ter pena de ti quando ele te descer a mão no lombo!

Margarida suspirou de alívio ao ouvir os passos de Albertina Salgueiro afastarem-se da porta. Tinha cinco minutos para descobrir mais segredos sobre a sua prenda. A suspeita da sobrenaturalidade das canetas formigava no seu íntimo, deixava-a inquieta, mas não sabia como ativar a magia que aqueles objetos continham. Teria de haver uma forma, mas na caixa não vinha nenhum manual de instruções.

Guardou as canetas na caixa negra e dentro da mochila, à exceção da Chama, que segurou novamente com firmeza entre

os dedos. Margarida tinha algum talento para as artes, um pouco mais para a escrita do que para a ilustração, embora os seus desenhos fossem bastante razoáveis. Começou por esboçar um cão de grande porte e ficou a fitá-lo durante alguns segundos, na esperança que se mexesse, começasse a ladrar ou se transformasse num verdadeiro.

— Vive — sussurrou, esperançada na força das palavras mágicas que em tantas histórias eram o elemento-chave.

Nunca tivera um cão, apesar do espaçoso quintal, e sempre sonhara com um animal de estimação. Se conseguisse criar um do nada, por magia, achava que o pai não se oporia a deixá-lo viver na casa amarela. Para sua grande tristeza, o cachorro vermelho não se mexeu, nem mesmo quando Margarida sacudiu veemente a folha e murmurou um inócuo “*abracadabra*”.

«*Talvez não funcione com seres vivos*» — matutou, e apressou-se a desenhar uma batelada de objetos como tesouras, caixas, armários, livros, latas e tudo mais que se lembrasse, até mesmo dinheiro, mas os esboços permaneceram o que eram, simples desenhos de traço vermelho.

— Margarida, é preciso subir outra vez? — gritou-lhe a madrastra, da cozinha, fazendo vibrar a sua voz por toda a casa, acompanhada pelo riso irritante dos gémeos, que já farejavam uma discussão.

Margarida sentiu o sangue ferver-lhe nas veias! A voz de Albertina feria-a com a intensidade de punhais. Desejava ardentemente que a sua vida fosse diferente, que pudesse sair daquele espaço encafuado, para longe da casa amarela que a sufocava, e partir em busca de destinos distantes onde poderia recomeçar a vida do zero, ser outra pessoa. Sonhara com um re-encontro com a mãe verdadeira, imaginando-a rainha de um mundo perfeito ou, numa perspetiva mais terrena, uma multimilionária que trataria de si com amor e carinho, mas nunca conhecera a mãe, e não esperava muito de uma pessoa que a abandonara à nascença.

— Margarida!

Ela sabia que estava a esticar a corda, a abusar claramente da sorte. Demorasse muito mais tempo e sentiria o castigo do

pai na pele, fosse pelo peso da mão ou pelo chicotear do cinto. Inconscientemente, utilizou a Chama para desenhar o que mais desejava, uma porta para sair dali, uma porta sem ser a do sótão que a mergulharia ainda mais nos seus pesadelos. Quatro traços compuseram o pequeno retângulo, ao qual não faltou a maçaneta e a respetiva ranhura da chave. Colocou a ponta do aparo na ranhura e girou-o, desejando que se tratasse de uma verdadeira chave, antes de pousar a caneta sobre os desenhos e afastar-se do caderno, com os ombros descaídos e o semblante carregado.

— A magia não existe — concluiu.

Estava prestes a rodar a maçaneta da porta do sótão quando ouviu um misterioso ranger atrás de si.

«Estranho...» — pensou — «Normalmente as portas rangem só depois de serem abertas...».

Com algum receio, olhou para trás e deixou cair o queixo ao perceber que a pequena porta acabada de desenhar com a Chama, num vermelho vivo, estava realmente aberta! Da entrada emanava uma luz forte que clareava o sótão como se fosse dia!

Apesar de sentir o corpo a estremecer e dos constantes alertas do cérebro para que ficasse quieta ou descesse as escadas à procura de ajuda, Margarida deu dois passos na direção do caderno, banhada pela luminosidade. Acabou por cair de rabo no chão quando, da porta aberta, irrompeu um raio de luz amarela! A luz dançou pelo sótão a grande velocidade, desenhando ângulos apertados e largando partículas brilhantes atrás de si, antes de se despenhar atrás de uns caixotes velhos, partindo pelo caminho dois pratos já rachados!

O coração da Margarida batia com tanta intensidade que era capaz de jurar que lhe saltaria pela garganta a qualquer momento. A emoção aumentou ainda mais quando ouviu uma voz vinda detrás dos caixotes onde a luz amarela tinha, segundos antes, aterrado violentamente após o seu voo errático.

— Finalmente! Finalmente encontrei a porta!

**N**unca o sótão estivera tão iluminado! Normalmente, só uma pequena lâmpada pendurada no teto por um fio encarquilhado e um candeeiro sem abajur clareavam o apertado espaço, mas naquela noite, da pequena porta aberta na rabiscada folha de papel continuava a emanar uma forte luz, como se um dia solarengo estivesse do outro lado. Margarida mal reparou na luminosidade que a cercava, pois toda a sua atenção estava centrada no caixote donde viera a misteriosa voz, fina e esganiçada, que a surpreendera.

Sentada no chão, com o rabo ainda dorido da queda, recuou com receio, usando os pés e as mãos, ao ver pequenos dedos afastarem o amolecido cartão. Arregalou os olhos quando uma criatura, pouco maior que um polegar, surgiu à sua frente, avançando enquanto sacudia o pó dos ombros, numa passada determinada.

— Pelos ossos do Sonhador, quase que me partia todo no meio de tanta tralha!

Margarida permaneceu silenciosa, limitando-se a observar a figura que resmungava mesmo à sua frente. Elegante, tinha um rosto rosado, sem nariz, apenas com uma boca grande e duas pequenas pérolas azuis no lugar dos olhos, sob finas sobrancelhas. Da encaracolada cabeleira loura irrompiam duas delicadas antenas de pontas arredondadas enquanto as mãos tinham cinco dedos aparentemente normais. A forma como estava vestido também deixou Margarida intrigada. Sob uma jaqueta longa de

couro castanho que lhe descia até meio da coxa, embelezada com botões de ouro, envergava um colete vermelho de seda devidamente abotoado e um lenço verde-escuro preso junto ao pescoço com um alfinete dourado encrostado com uma esmeralda. Os calções castanhos, em fole, estavam amarrados pelos joelhos, donde partiam as meias, do mesmo tom de verde do lenço, terminando num par de sapatos vermelhos com as pontas arrebitadas. Mas o que verdadeiramente a surpreendeu, ainda mais do que o rosto sem nariz ou o longo chapéu alto, bem fincado na cabeça, em tons de castanho e verde, foram as asas que irrompiam das suas costas, duas belas asas coloridas semelhantes às que via nas borboletas.

— Então, não dizes nada? — resmungou a criatura, ajeitando o chapéu e olhando diretamente para a assustada rapariga. — Vais ficar a olhar para mim à espera que os dias passem por nós, transformando-se em semanas, meses, anos, séculos e milénios?

— Quem... ou melhor, o que és tu? — perguntou Margarida, a medo.

— Quem sou eu? O que sou? — retorquiu a criatura, franzido uma sobrancelha. — Então, não me reconheces?

— Não... acabaste de entrar na minha casa, saído de uma porta que se abriu numa folha de papel, lembraste-te? — sussurrou Margarida, assustada.

— Acabei de entrar... — murmurou a criatura, dando uma palmada na testa. — Claro que sim, mas que cabeça a minha! É claro que não sabes quem eu sou, Margarida, como poderias saber, se nunca nos vimos antes! É que no meu mundo toda a gente sabe quem eu sou! O meu nome é Ignobbit Vyks — respondeu, retirando o chapéu e fazendo uma vénia. — Há quem me chame Iggy, outros Nobbit, outros Vyks, mas pessoalmente prefiro que me chamem Ignobbit!

— Eu sou a Margarida, há quem me chame *Maga* e... espera lá, tu já sabias como é que eu me chamava! — exclamou a rapariga, apercebendo-se que Ignobbit a tratara pelo nome. — Chamaste-me Margarida!

— Chamei? Pois, é verdade, chamei mesmo... — respondeu Ignobbit, um pouco atrapalhado, coçando os caracóis e tentan-

do disfarçar o embaraço com um sorriso. — É uma capacidade inata do nosso povo, os Boterkriegs, excelentes voadores, pesquisadores, caçadores, amantes de tesouros e capazes de... de ler as palavras na mente das pessoas, segundos antes de serem pronunciadas, é isso! Antes que disseses Margarida, o teu nome surgiu na minha mente iluminado por mil tochas: Margarida, lá estava! Nós somos assim, criaturas verdadeiramente mágicas e únicas!

Margarida ficou um pouco de pé atrás. A explicação não fora muito convincente, mas estava perplexa demais para se preocupar com esse pormenor. O facto de ter um ser vivo, nunca antes visto no planeta Terra, a caminhar dentro do seu sótão, acabado de sair duma porta desenhada num papel, deixava-a menos perspicaz do que o normal.

— De que mundo é que vieste? — perguntou. — Não foi dum qualquer lugar na Terra, de certeza, pois nunca vi ninguém como tu.

— Ainda não percebeste? — perguntou Ignobbit, esvoaçando e deixando um rasto dourado atrás de si, antes de pousar na perna da Margarida, que continuava sentada no chão. — Usaste as canetas perdidas de Artemius Wiz e desconheces o mundo de onde vi? Serás assim tão distraída, rapariga?

— Illusya? — arriscou, lembrando-se da palavra escrita na caixa negra e transparente.

— Bravo! — exclamou Ignobbit, sorrindo e aplaudindo, enquanto percorria o sótão com o olhar. — Vejo que este povo não é tão burro a pensar como é a construir casas! Andam a poupar dinheiro em material de construção? Bolas, e achava eu que era pequeno! Isto é suposto ser o teu quarto?

— Margarida, vem para baixo! — gritou a madrastra. — Agora!

Ao ouvir a potente voz de Albertina num tom ameaçador, a pobre rapariga pôs-se de pé num só salto, desviando a atenção para a porta. Nesse momento, o pequeno Ignobbit, também apanhado de surpresa, saltou da sua perna e esvoaçou para a cama, pousando sobre a folha de papel.

— Alguém andou a divertir-se com a caneta do Reino de Kolian... — comentou Ignobbit, observando o cão, as tesouras, as caixas de diversos tamanhos, as latas, e todos os outros desenhos traçados a vermelho.

— Eu chamo-a de Chama — interrompeu Margarida. — À caneta, quero dizer.

— Chama, dizes tu? — murmurou a criatura, esboçando um sorriso. — Sabes, é bom dar nome a tudo o que nos rodeia, sejam pessoas, objetos ou animais. Quando damos um nome, atribuímos uma identidade, fazendo, neste caso, a caneta deixar de ser mais uma dentro do seu género. Chamá-la de Chama faz dela única, real e diferente. É muito bom ter um nome!

— Todas elas têm nomes — continuou Margarida. — As outras chamam-se Gota, Árvore, Estrela, Raio, Torre e Lua.

Enquanto ela falava, Ignobbit caminhava lentamente para a porta aberta no papel, que pouco a pouco ia descaindo, ameaçando fechar-se a qualquer momento. Dobrou então uma das pontas para dentro, baixando-a de seguida. Ao fechar-se, a porta ficou com um dos cantos desprotegidos, mantendo Illusya em contacto permanente com a Terra, e a luz que irrompia pela fresta já não era suficiente para iluminar todo o sótão. De seguida pôs-se a observar a caneta Chama, passando-lhe os pequenos mas afilados dedos pela superfície negra.

— Porque é que dobraste a ponta e encostaste a porta? — perguntou Margarida, caminhado para Ignobbit, que saltitava à volta da Chama.

— As portas que estas canetas abrem são traiçoeiras, e podem fechar-se a qualquer momento — explicou. — Há algum tempo que eu procurava uma porta, por isso não posso arriscar que esta se feche completamente, não é verdade?

— Se o dizes...

O violento bater do punho na porta do sótão apanhou os dois de surpresa. As pancadas foram tão fortes que quase abriram rachas na madeira pintada de branco, fazendo Ignobbit cair sobre as belas asas e dar uma cambalhota completa!

— Margarida, abre imediatamente a porta! — gritou-lhe

Albertina. — O teu pai está quase a chegar e tu não me ajudaste em nada! Juro-te que a tua insolência não passará em claro!

— Que susto! — exclamou Ignobbit. — Não sabia que tinhas um elefante como animal de estimação!

— Depressa, esconde-te! — exclamou Margarida, procurando com o olhar um lugar onde pudesse enfiar a criatura de outro mundo. — A minha madrasta não te pode ver!

— Sim, tens razão, embora eu gostasse de ouvir a tua explicação sobre como é que tens um habitante de Illusya no teu quarto, se é que se pode chamar a este pardieiro quarto!

— Não digas disparates! Esconde-te!

A maçaneta dourada rodava com força, forçada até aos limites, mas a porta, trancada, apesar de tremer nos encaixes, resistiu às investidas. Num voo rápido, Ignobbit mergulhou no meio da tralha, enquanto Margarida finalmente destrancava a porta e ficava cara a cara com a madrasta.

— Hoje abusaste da minha paciência, rapariga! — vociferou Albertina, com o rosto em chamas e os punhos cerrados. — Devia dar-te uma tarefa para aprenderes quem manda nesta casa!

— Desculpa, Albertina, estava a fazer os trabalhos de casa — mentiu Margarida, certificando-se que Ignobbit não estava visível.

— Beta! Beta! Chama-me Beta! — gritou-lhe a madrasta, cujos olhos claros pareciam cuspir relâmpagos, irritada, pois não gostava de ouvir o próprio nome, preferindo que a tratassem pelo diminutivo. — Maldita fruta podre, desce imediatamente, e sem refilar!

— Deixa-me acabar os trabalhos, e depois...

— Nem penses, vens comigo agora!

Segurando Margarida pela orelha, puxou-a pelas escadas, e entre gritos e insultos abandonaram o sótão, que ficou mais uma vez mergulhado no silêncio. Quando o barulho diminuiu, a cabeça de Ignobbit surgiu por detrás de um velho rádio, coberto de pó, que há muito tempo não era ligado. Os seus olhos azuis brilhavam na escuridão, enquanto percorriam as velharias que se acumulavam pelo apertado espaço.

— Pelos ossos do Sonhador, nunca tinha visto tanta coisa enfiada num espaço tão pequeno! Bom, o turismo fica para depois, não há tempo a perder!

Depois de ajeitar o chapéu nos caracóis louros, a criatura levantou voo e pousou sobre a cama, onde repousava o caderno. Sem mais demoras, segurou com ambas as mãos a caneta Chama e, revelando uma força invulgar para alguém do seu tamanho, arrastou-a para a porta, usando a ponta arrebitada do sapato vermelho para levantar o papel, colocando-o na fresta criada pelo canto dobrado. A caneta deslizou pela luminosidade e desapareceu. Ignobbit desdobrou a ponta para que a porta fechasse completamente e, antes de desaparecer para o seu mundo, deu uma última olhadela ao sótão.

— Jovem Margarida, acredita que, no futuro, vais agradecer-me ter-te tirado este fardo dos ombros... ou talvez não!

Dizendo isto, fechou a porta atrás de si, mergulhando o lúgubre sótão novamente na escuridão, rasgada apenas por uma leve claridade que atravessava a pequena janela de vidros embaciados.

O jantar não correu bem, mas nada teve a ver com a refeição em si. A comida estava excelente, como sempre. Albertina servira bifés de peru mergulhados em molho de cebola e tomate, acompanhados por um arroz de feijão e bastante salada. Era norma na casa amarela comer bife ao jantar, sendo que as únicas coisas que variavam eram os molhos e os acompanhamentos. O pai trazia a carne do talho e ninguém se atrevia a dizer que preferia um peixe assado no forno, marisco ou filetes fritos. Durante a refeição poucas palavras foram trocadas, ouvindo-se mais o raspar dos talheres nos pratos, o que não se pode dizer do que se passou antes de se reunirem à mesa.

Assim que Rodolfo Salgueiro entrou em casa, Albertina apressou-se a contar tudo o que se passara, pelo menos a sua versão dos acontecimentos, mal o deixando tirar o casaco e sacudir as gotas de chuva do cabelo. Pedro vinha com ele, pois sempre que acabava as aulas ia dar uma ajuda ao pai no talho, e ouviu com revolta as palavras amargas que a mãe arrojava.

— Mal chegou insultou-me e foi para o quarto, tratando os gémeos como se fossem cães! — lamentou-se, esforçando-se para que lágrimas lhe escorressem pelo rosto. — Eu implorrei-lhe ajuda, lamentei-me mil e uma vezes, mas ela resmungava e, fechada no sótão, atirava coisas contra o chão e não me obedecia. Tive de fazer o jantar e tratar dos gémeos sozinha! Estou de rastos!

O pai não quis ouvir mais nada! Apesar dos tímidos esforços de Pedro para acalmá-lo e convencê-lo a ouvir a outra versão da história, o Sr. Salgueiro atravessou o corredor em passo acelerado, irrompeu pela sala e encetou uma enorme discussão com Margarida, que terminou com a rapariga a acusar a madrastra de ser mentirosa e a levar um par de estalos. Os gémeos espreitavam à porta, com sorrisos cruéis nos rostos, mesmo por detrás da madrastra, que saboreava o seu momento de triunfo. Pedro sabia que nada podia fazer para defender a meia-irmã sem que ele próprio fosse vítima de algum castigo, mas apressou-se a puxar os gémeos pelos colarinhos e a levá-los para o quarto. Margarida, com os olhos lavados em lágrimas, quis ir para o sótão, mas o pai não a deixou pois estava na hora de jantar e ele não admitia atrasos.

Envoltos numa atmosfera pesada, o bife demorou mais tempo a descer pelas apertadas gargantas e os sorrisos eram uma preciosidade rara. Já tinha sido servido o pudim quando Rodolfo quebrou o gelo.

— Então Pedro, como correu o teu dia?

— Correu bem, pai — respondeu o rapaz, quase sem levantar a cabeça do prato, falando muito baixo.

— Não ias receber a nota de Português? — perguntou a mãe, entusiasmada, olhando-o atentamente. — De certeza que tiveste cem por cento, meu querido! És o nosso orgulho!

Margarida torceu o nariz. Não que os elogios a Pedro não fossem justos, mas a forma como a madrastra falava tinha duas intenções: vangloriar o filho e rebaixá-la.

— Ainda não recebi a nota — respondeu Pedro de forma seca, depois de um breve silêncio. — A professora ainda não acabou de corrigir os testes.

— Não te preocupes, que de certeza serás o melhor da turma, como sempre foste! — exclamou o pai. — Beta, meu amor, trazes-me um café?

O jantar acabou pouco tempo depois. Margarida pediu para se levantar e apressou-se a correr para o sótão, não ligando aos gémeos que a achincalharam, chamando-a de fruta podre e coisas menos agradáveis. Subiu as escadas num só fôlego, abriu a porta e nem se lembrou de a trancar, pois só pensava na criatura que lá tinha deixado escondida. Naquele momento o rosto deixou-lhe de arder e os estalos do pai já não pareceram tão dolorosos.

— Ignobbit! Ignobbit, onde estás? Responde!

Apressadamente, Margarida começou a procurá-lo em todos os recantos que se lembrou. Procurou atrás dos caixotes rasgados, dos móveis velhos e mancos, dos eletrodomésticos carcomidos pela ferrugem, das prateleiras desengonçadas, mas não havia sinal dele. Ajoelhou-se para procurar debaixo da cama e espirrou cinco vezes seguidas devido ao pó que inalou, espreitou atrás das cortinas onde uma aranha se entretinha a tecer a sua teia, mas quanto a Ignobbit, nada. O pequeno ser simplesmente evaporara-se!

«*Terá regressado ao seu mundo?*» — perguntou-se, antes de olhar para a porta desenhada e perceber que estava completamente fechada, com a ponta dobrada de volta à posição original. Determinada, decidiu mergulhar o aparo novamente na fechadura, mas qual foi a sua surpresa quando se apercebeu que a Chama desaparecera!

— A Chama! — exclamou, com o rosto corado. — Ele roubou-me a Chama!

Furiosa, apressou-se a abrir a mochila, e lá encontrou a caixa negra com as outras canetas guardadas, juntamente com o espaço vazio que correspondia à Chama. Não havia dúvidas, ela tinha sido cobardemente saqueada!

— Maldito! Maldito! — vociferou. — Maldito Ignobbit! Ladrão miserável, não passas de um ladrão miserável!

— Calma, mana, não precisas de ficar assim!

Margarida voltou-se e lá estava o irmão Pedro, parado junto à porta, com um tímido sorriso no rosto. À retraída expressão associava-se o olhar triste e a postura descaída.

— Pedro, não te ouvi entrar.

— Mas eu ouvi-te desabafar bem alto — respondeu o irmão, aproximando-se e sentando-se na cama. — Ouve, eu sei que o pai é um bruto, e que a minha mãe mente com todos os dentes que tem na boca, mas tanto rancor só te vai fazer mal.

— Não era no pai que eu estava a desancar, mas sim no maldito Ignobbit — explicou Margarida, sentada ao lado do irmão.

— Ignobbit?

— Esquece isso... mas estou a estranhar o teu olhar, mano, e reparei na forma escorregadia como respondeste aos pais sobre o teste de português. Queres contar-me alguma coisa?

Pedro nada disse. Olhou para a irmã, tentou manter a postura, mas apenas por alguns momentos. Os ombros descaíram-lhe e deixou o rosto cair nas mãos em concha. Margarida quase pôde jurar que o ouviu choramingar, mas quando Pedro levantou a cabeça os seus olhos estavam secos.

— Eu já recebi a nota de Português, Margarida — confessor o rapaz, passando a manga da camisola verde pelo nariz enquanto fungava. — Menti aos pais porque... porque tive negativa! E não foi só em Português... tem sido na maior parte das disciplinas. Logo eu, que nunca tive notas abaixo dos setenta por cento!

Margarida sentiu um choque perante tal revelação! Habi-tuara-se a competir com o meio-irmão pelas melhores notas da escola e, embora em anos diferentes, foram sempre as estrelas das respetivas turmas, pelo menos enquanto partilharam a mesma escola. Quando o pai optou por levar Pedro para longe, para uma escola melhor onde pudesse progredir na vida, deixando-a abandonada no antigo hospício, Margarida sentiu-se só, pequena, inferiorizada, e isso refletiu-se nas suas notas que começaram a piorar. Era suposto Pedro brilhar noutra lugar, junto de colegas inteligentes, e em adulto transformar-se num excelente arquiteto, que sempre fora o seu sonho.

Ao ouvi-lo dizer que estava com notas negativas, a imagem que construía ao longo dos anos, desde a segunda classe, quando o viu atravessar pela primeira vez as largas portas do antigo hospício com um olhar sedento de conhecimento, desfez-se em estilhaços.

— Como é que isso aconteceu? — perguntou, ainda atónita.

— Não sei, talvez a matéria seja mais difícil, ou eu não seja assim tão inteligente...

— Não digas isso! — interrompeu Margarida, com os olhos marejados. — Nunca digas isso! Tu és muito inteligente, o mais inteligente desta casa! E que ninguém te convença do contrário!

— Ou então... — continuou Pedro — ... sinto-me muito sozinho na nova escola, e sinto muito a tua falta, mana.

Margarida olhou o irmão nos olhos e não conteve as emoções. Deu-lhe um forte abraço e desfez-se em lágrimas.

— Então, maninho, não digas isso, eu estou sempre aqui, a teu lado, e nunca te vou deixar sozinho.

— Finalmente percebo um pouco o que tu sentes, fechada neste sótão, longe de tudo e de todos, até da própria família — disse Pedro, confortado no abraço. — Naquela escola nova, de paredes brancas, sem vidros partidos ou paredes rachadas, com as salas sempre a cheirar a detergente, sinto-me mais sozinho do que no velho hospício, e a solidão é uma chatice!

— Promete-me, mano, que sempre que te sentires triste e sozinho, vais lembrar-te de mim — pediu Margarida, segurando os ombros do meio-irmão e olhando-o bem nos olhos. — Enquanto eu estiver no teu coração, nunca vais estar sozinho, e em breve farás novos amigos, e todos aqueles edifícios novos vão-se parecer mais com a velha escola, está bem?

— Está... — concordou Pedro, esforçando-se por conter as lágrimas. — Vou tentar... obrigado pelo apoio.

— Então, é para isso que servem os irmãos e as irmãs! — exclamou Margarida, sorrindo e dando um carinhoso murro no ombro de Pedro, que respondeu na mesma moeda.

— Achas que devo contar aos pais sobre as notas?

— Vais ter de contar, mais cedo ou mais tarde...

— E não pode ser mais tarde?

Margarida sorriu. Ela pressentiu que, mal Rodolfo e Albertina descobrissem as verdadeiras notas do Pedro, teriam uma reação tempestuosa, para deleite dos gémeos, mas não estava disposta a deixar o meio-irmão sozinho num momento tão complicado.

— Contas amanhã, ao jantar, e eu vou estar ao teu lado para te proteger — sugeriu Margarida.

— Obrigado mana. E já agora, quem é o Ignobbit? — perguntou Pedro.

Margarida estacou. No meio do turbilhão de emoções, esquecera-se da criatura que esvoaçara pelo sótão, que se apresentara simpática e risonha, mas que afinal não passava de um mísero ladrão, um aproveitador que abusara da sua cortesia para lhe roubar a Chama e levá-la para outro mundo. Mas seria Ignobbit real, ou não passaria tudo de um sonho, um reflexo do desejo de que as suas fantasias se transformassem em realidade? Afinal, a porta não estava aberta, era apenas mais um desenho a vermelho num pedaço de papel. Não fosse ter visto as restantes canetas dentro da mochila, sem a Chama, e nem acreditaria que o pai lhe tinha oferecido a misteriosa caixa negra.

Ao ver o irmão destroçado à sua frente, achou que chegara a altura de pôr as suas fantasias de lado e viver a vida real, ajudando quem realmente precisava. Pedro devia ser a sua prioridade, e não um conjunto de estúpidas canetas oferecidas fora de data. Preocupar-se-ia mais tarde em procurar a Chama, que possivelmente caíra da cama e rolara para um recanto qualquer no meio dos monos que velavam as suas noites.

— Não é ninguém — respondeu. — Mais uma das fantasias da cabeça maluca da tua irmã, já sabes como é!

— Hum... — murmurou Pedro, com um sorriso no rosto. — Ainda bem! Por momentos pensei que pudesses ter um duende ou algo ainda mais pequeno a passear pelo sótão, mas isso era um disparate completo!

— Como? O quê? Porque é que dizes isso? — perguntou

Margarida, apanhada de surpresa pela frase do irmão. Teria ele visto Ignobbit, conheceria ele o segredo por detrás das canetas pretas?

— É que, ao entrar no sótão, reparei em marcas no pó do chão que pareciam mesmo pegadas, e noutras em cima do rádio velho, que se assemelhavam a dedos minúsculos. Realmente a mente prega-nos valentes partidas, não achas?

— Pois... é verdade — respondeu Margarida, com um sorriso. Pedro acabara de afastar todas as suas dúvidas. Ignobbit era real, Illusya também, e a Chama fora definitivamente roubada!

**I**gnobbit quê? — perguntou Joana, incrédula com o que estava a ouvir? — *Maga*, andaste a beber?

As três amigas estavam sentadas numa mesa de perna curta — assente sob pedaços de cartão — na sala de convívio, protegidas pelo burburinho e confusão que se instalava a cada intervalo. Miúdos de diferentes idades, desde o primeiro ao terceiro ciclo, cruzavam-se pelos corredores correndo de mochila às costas num vai e vem constante, em pequenos grupos ou sozinhos. Outros aproveitavam para jogar pingue-pongue e matraquilhos, sob as vozes estridentes e o olhar atento dos colegas que esperavam impacientemente pela sua vez, ou então perdiam-se em jogos de xadrez e damas. Havia também os que levavam as consolas portáteis para a escola, mas não as partilhavam com os colegas que observavam atentamente cada jogada, inocentemente esperançados em terem uma oportunidade de jogar. Sempre presentes estavam os telemóveis, dedilhados a uma velocidade impressionante, através dos quais dezenas de SMS's eram partilhados.

No meio de tamanho reboliço, açambarcada pela música seleccionada pelo DJ da rádio escolar, Margarida não sentiu preocupação em contar o que se tinha passado na noite anterior, pois de certeza mais ninguém a escutaria. Estava tão empolgada com as novidades que as palavras escorriam-lhe que nem mel.

— Tiveste mesmo um ser de outro mundo no sótão? — perguntou Diana, com os olhos castanhos bem abertos. — Tens a certeza?

— Juro-vos, ele era tão real como nós! O meu irmão Pedro viu as marcas que ele deixou no pó.

Margarida contou-lhes tudo ao pormenor, desde o momento em que fez o primeiro desenho com a Chama, na esperança que o cachorro ganhasse vida, às várias tentativas que se revelaram infrutíferas, terminando na porta que destrancou com o rodar da ponta do aparato. A parte da história em que a porta se abriu e encheu o sótão de luz fez Joana torcer o nariz, mas foi o que se seguiu que a deixou verdadeiramente irritada.

— Francamente, *Maga* — vociferou, com as sobrancelhas franzidas — achas que vamos acreditar que um tipo com menos de um palmo de altura esteve em tua casa, conversou alegremente contigo e, enquanto foste jantar, roubou-te a caneta vermelha, a tal Chama, regressando ao seu mundo natal? Por favor...

— Alguma vez te menti? — perguntou Margarida, chocada por uma das suas melhores amigas estar a duvidar da sua palavra. — Não estava à espera dessa reação, Joana, ainda mais vinda de ti, que sempre estiveste do meu lado.

— Eu sempre ouvi as tuas histórias de fantasia com atenção e respeitei a tua imaginação, mas nunca passaram disso, fantasias que me faziam sonhar — explicou Joana, um pouco irritada. — Desta vez queres fazer-nos acreditar que foi tudo real? Por amor de Deus, tretas dessas espero ouvir do meu pai quando chega a casa bêbado que nem um cacho!

— A Margarida não tem motivos para nos mentir — defendeu-a Diana, segurando na mão da amiga.

— Não tenho mesmo, e tudo o que aconteceu foi real, até o meu irmão viu as pegadas, e...

— Para, Margarida — pediu Joana. — Porque é que não nos contas a verdade?

— A verdade? Como assim?

— O teu pai bateu-te, não foi?

Margarida ficou sem resposta. Ela contara ao pormenor o encontro com Ignobbit, mas omitira propositadamente a parte em que a madrasta enchera os ouvidos do pai com mentiras, a acesa discussão que mantivera com ele antes do jantar e os esta-

los que lhe aqueceram o rosto. Como é que Joana podia saber o que se tinha passado? Confirmara ao espelho de manhã, antes de sair, que o castigo do pai não lhe marcara a face.

— Realmente tivemos uma discussão, mas como é que soubeste?

— Eu já percebi que, quando nos contas as histórias mais espetaculares, os sonhos em que és uma princesa ou rainha salva à última hora por um cavaleiro andante, normalmente é nos dias em que tiveste uma discussão em casa. Como esta história é tão inacreditável, a discussão de ontem deve ter sido bem feia!

Margarida calou-se. O olhar das amigas não a largavam, e ela sentiu-se vulnerável, com as defesas em baixo. Joana acabara de a descascar que nem a uma cebola, exposto as suas camadas em público. Embora nunca tivesse refletido sobre o assunto, no fundo sabia que a amiga tinha razão. De facto, as suas fugas para mundos de fantasia ocorriam sempre que os gémeos a arrelivavam, achincalhando-a e chamando-a de fruta podre, quando a madrastra a acusava de mil e uma asneiras ou quando o pai impunha a sua autoridade à força.

Perante tão fortes palavras, o relato da aparição de Ignobbit parecia falso, uma farsa muito bem construída mas terrivelmente frágil, e ela passaria facilmente por mentirosa. Sentiu a dúvida espreitar no olhar de Diana e percebeu que a única forma de manter a postura e não ficar mal vista seria através dum contra-ataque vigoroso, mesmo que isso implicasse ser desagradável para uma das suas melhores amigas.

— Sabes lá tu o que é ter uma discussão ou sofrer na pele a fúria dos pais! — exclamou, de rosto sério. — Eu sei distinguir a realidade da ficção, e o que aconteceu ontem foi bem real!

— Real? Queres saber o que é real? Isto é que é real! — gritou Joana, arregaçando a manga da camisola roxa com uma enorme abelha amarela no peito, e revelando cinco nódoas negras, bem frescas, marcadas no braço. O timbre de voz de Joana fez com que alguns olhos se desviassem para elas, mas apenas por breves instantes. — Ontem à noite o meu pai chegou a casa a tresandar a álcool, tentou bater na minha mãe, e quando eu me

meti ao barulho, agarrou-me pelo braço e atirou-me contra um candeeiro! Eu sei bem o que é uma discussão e o que é real, mas não finjo que as coisas não me acontecem, como tu fazes!

— Desculpa-me, Joana, não sabia — lamentou-se Margarida, apercebendo-se da tristeza e raiva que transpareciam do olhar da amiga, causada pelo desdém das suas viperinas palavras. Arrependeu-se mil vezes do que dissera, e só desejou que o tempo voltasse para trás, mas nada mais havia a fazer.

— Tu não podias saber, preocupada que estavas com os teus duendes e mundos mágicos — rezingou-lhe Joana, tapando o braço. — Eu sei que não tens uma vida fácil, tudo bem, mas consegues fugir dos problemas entrando noutra universo enquanto eu tenho de vivê-los e revivê-los todos os dias, a toda a hora! É isso que invejo em ti, a imaginação, mas não me peças para acreditar que essas fantasias são reais, pois ambas sabemos como é cruel a realidade!

— Porque é que nunca nos contaste o que é que se passava na tua casa? — perguntou Diana.

— E porque é que vocês nunca perguntaram? — contrapôs Joana. — Se calhar por não ser tão divertido! Por não ser tão fantástico!

Antes que as amigas pudessem dizer mais alguma coisa, Joana agarrou na mochila e afastou-se da mesa. Nem mesmo um apelo desesperado de Diana quando ela cruzava as largas portas que davam acesso ao pátio central a demoveu. Margarida ainda pensou segui-la, mas Diana segurou-lhe pelo braço e abanou a cabeça.

— Não te deixes abater, *Maga* — pediu Diana, acariciando-lhe o ombro. — Pelos vistos a Joana teve problemas com o pai e ainda está muito dorida. Só precisa de esfriar a cabeça antes de conseguir falar sobre o assunto.

— Temos de ir ajudá-la! Eu fui muito bruta e injusta!

— Parece que não a conheces — disse Diana. — Neste momento não há nada que lhe possas dizer que a acalme. Daqui a pouco conversamos com ela, e vais ver que te vai pedir desculpa por ter sido tão brusca.

— Não, ela tem razão — afirmou Margarida. — Ontem à noite, enquanto conversava com o meu irmão, também tive as minhas dúvidas e cheguei a pensar que tudo não passava de um sonho, mas a Chama desapareceu e o meu irmão viu as marcas que Ignobbit deixou no pó. Bolas, fiquei tão entusiasmada que nem me apercebi que a Joana estava com problemas...

— E essa folha com a porta desenhada, onde está? — perguntou Diana, entusiasmada, tentando fazer com que Margarida se concentrasse apenas nas canetas. — Tens aí contigo?

— Tenho, mas não te posso mostrar aqui. Vem, vamos para a biblioteca, e depois vamos ter com a Joana!

As duas amigas abriram caminho entre a amálgama de colegas que se atravessavam no seu caminho e alcançaram a entrada da biblioteca. Mal cruzaram a porta depararam-se com o rosto da Dona Lurdes, que as observava com o mesmo sorriso de sempre.

— Então Margarida, estás mais calma? — perguntou a mulher de cabelos laranja, polvilhados de branco. — Ontem nem tiveste tempo de conversar um pouco, tal foi a rapidez com que entraste.

— Desculpe, Dona Lurdes, mas tenho vivido uns dias atribulados — justificou-se Margarida, ansiosa por mostrar a porta a Diana.

— Parece que vives em dois mundos, o real e o imaginário. Não te esqueças que és só uma, rapariga, e vais ter de escolher um deles para viver.

— Acho que nunca estive tão certa, Dona Lurdes!

As duas raparigas avançaram para a área de leitura em passo acelerado. Sentaram-se na primeira mesa que encontraram, sem repararem no Bruno Lagarto, sentado no seu canto perto da janela, a ler o mesmo livro do dia anterior. Diana colocou-se de costas para ele, a proteger o sítio onde Margarida pousou o caderno, e sorriu ao ver a folha rabiscada de vermelho. Entre os vários desenhos, lá estava a famosa porta.

— Foi por aí que ele saiu? — perguntou, entusiasmada. — É essa a porta?

Margarida anuiu com a cabeça. Chegara a altura de provar que não estava a mentir, que tudo o que contara era tão real como elas estarem as duas na biblioteca. Apenas desejou que Joana também estivesse ali, para mostrar à amiga que era incapaz de enganá-la, mas esse era um problema para resolver mais tarde. Com Diana quase colada a si, tentou rodar a maçaneta da porta com a ponta dos dedos — um pedaço de papel que se destacava da própria folha — mas sentiu um aperto no peito ao perceber que nada acontecia. Desesperada, olhou para a amiga, à espera de ouvir algum tipo de dúvida ou descrença, mas Diana continuava entusiasmadíssima, pressionando o tampo da mesa com a ponta dos dedos.

— Então, não consegues abrir a porta? — perguntou.

— Da outra vez usei o aparo da Chama na fechadura, como se fosse uma chave — justificou-se Margarida, encolhendo os ombros. — Temo que sem o aparo a porta permaneça fechada! Talvez o aparo de uma das outras canetas funcione...

— Experimenta as outras, força!

Margarida retirou a caneta Lua da caixa, colocou o aparo na fechadura mas nada aconteceu. Sucederam-lhe as outras, mas o resultado foi exatamente o mesmo.

— Não podemos perder a esperança! — exclamou a amiga, com um sorriso no rosto, ao ver Margarida cabisbaixa. — Toma, experimenta isto! — e retirou um gancho que lhe prendia o cabelo, logo acima da longa trança preta. — Nos filmes eles costumam abrir as portas com ganchos e coisas assim!

Margarida sorriu perante o empenho da amiga. Apesar de algumas dúvidas, pegou no gancho prateado que representava uma folha decorada com pedras de um verde jade, apontando-o na direção do desenho que representava a fechadura. Para sua surpresa, o gancho penetrou no papel sem o rasgar, como se de uma verdadeira ranhura se tratasse, e após ouvirem um pequeno estalo, viram a porta abrir-se!

— Tinhas razão, a porta funciona! — regozijou-se Diana, levando as mãos à boca, num tom tão alto que lhe custou um puxão na trança.

— *Chiu!* — resmungou Margarida. — Isto é suposto ser um segredo, lembra-te?

— Desculpa.

— E agora vais ver a tal luz de que vos falei.

Margarida abriu cautelosamente a pequena porta, que tinha pouco mais de vinte centímetros de altura por dez de largura, e bastou uma pequena fresta para que a luz inundasse a biblioteca. Apressadamente, dobrou a ponta que Ignobbit anteriormente já vancara, para que a porta não se voltasse a fechar, agora que não tinha a Chama consigo.

— O que é que está do outro lado? — perguntou Diana, com os olhos a brilhar.

— Não sei, nunca cheguei a espreitar o interior.

— Então, de que é que estás à espera?

Margarida nunca pensou que Diana pudesse estar mais entusiasmada que ela com tudo isto, mas o rosto de pele leitosa resplandecia de emoção, e não demorou para que a amiga recorresse ao inalador para recuperar o fôlego. Ela queria espreitar, mas tinha receio do que poderia ver. Diana estava impaciente e Margarida não quis que a amiga a considerasse uma cobarde, por isso inspirou fundo e aproximou o olho verde da apertada abertura.

Uma brisa suave roçou-lhe o rosto, enquanto o olho se habituava à luz e percebia onde estava. A porta fora aberta em pleno ar, entre as nuvens que se moviam em flocos. O Sol brilhava à sua direita, sobre uma sombria paisagem de árvores calcinadas e solo enegrecido, como se tivesse sido fustigado por um incêndio devastador. Margarida acompanhou com o olhar o terreno pedregoso e observou o topo de uma pequena estátua representando a cabeça de um dragão, em mármore rosa e branco, abandonada entre os troncos ressequidos. Foi subindo a encosta da montanha até ser surpreendida por um enorme dragão negro que esvoaçou assustadoramente perto do seu olho, abrindo uma boca recheada de dentes na sua direção! Amedrontada, Margarida recuou a cabeça e apressou-se a encostar a porta, evitando o ataque e fazendo com que a luminosidade que inundou a biblioteca diminuísse.

— Eu vi um dragão! — exclamou, com o coração a bater forte no peito.

— Um dragão verdadeiro? Que espetáculo!

— Espetáculo? — resmungou Margarida, tentando acalmar-se. — Ele quase que me devorou a cabeça!

— Uma porta para outro mundo... — divagou Diana. — Será que as outras canetas fazem o mesmo? Sete canetas para sete mundos diferentes? E como serão as pessoas desses mundos, todas iguais ao Ignobbit ou semelhantes a nós?

— Eu também suspeito que as outras canetas fazem o mesmo que a Chama, mas depois do roubo tenho medo de criar novas portas, porque tal como nós podemos passar para o outro lado, ladrões covardes como o Ignobbit podem entrar neste mundo, ou então criaturas ainda mais perigosas, como aquele dragão negro!

A conversa foi interrompida pelo toque de entrada. Acabara-se o tempo de intervalo, pelo menos para Diana, que pediu desculpa a Margarida e saiu da biblioteca a correr, com a certeza que, mais tarde, explorariam esta espantosa novidade juntas. Margarida, como não ia ter aulas a seguir, preferiu ficar por ali, sentada na cadeira de costas largas, a pensar no dragão que esvoaçara tão perto do seu rosto, com o fogo a formar-se na garganta, e nas inúmeras hipóteses que as canetas abriam.

Uma dúvida assolou-lhe a mente. Deveria ou não desenhar uma porta maior, que lhe permitisse passar para o outro lado? E se o fizesse, qual seria a caneta a escolher? Caso a porta se fechasse, como funcionaria do outro lado, como regressaria a casa se o desenho tinha sido feito neste mundo? E se surgisse outra criatura a querer fazer dela um petisco? Todas estas perguntas deixaram-na inquieta, e só quando uma sombra desceu sobre si é que se apercebeu que Bruno Lagarto estava parado a seu lado, olhando-a prudentemente, com o rosto muito vermelho e a suar. Trazia na mão um papel amachucado, e parecia querer dizer-lhe alguma coisa, mas as palavras não lhe saíam da boca. Desconfiada, Margarida guardou o caderno e as canetas na mochila antes de se dirigir ao tímido rapaz, que se mantinha firme e mudo a olhar para ela.

— O que foi? O que é que tu queres? — perguntou.

— Eu, eu estive a olhar para ti ontem, quer dizer, eu estive a ver-te ontem aqui, na biblioteca, a mexer nas canetas — explicou o rapaz, atrapalhado, tentando evitar que os óculos escorregassem pelo nariz suado.

— Não te metas em assuntos que não te dizem respeito! — exclamou Margarida, preparando-se para colocar a mochila às costas e sair da biblioteca. — E quanto ao que viste hoje, tenta esquecer, ok?

— Não vás, espera um pouco! — pediu Bruno, mostrando-lhe a folha que trazia na mão. — Eu posso ajudar-te!

Margarida olhou para o papel amachucado. Parecia ser do seu caderno, mas estava todo esborratado a carvão, e as marcas mais escuras pareciam revelar palavras e símbolos que ela bem conhecia.

— Onde é que arranjaste isso? — perguntou, surpreendida.

— Quando te foste embora, arrancaste a folha dos apontamentos, e com ela mais duas que estavam por baixo — explicou o rapaz, orgulhoso da sua inteligência. — Peguei nelas e esfreguei-as com um lápis, para que os vincos da esferográfica se tornassem visíveis a olho nu.

— Bem pensado, sim senhor — reconheceu Margarida, de braços cruzados, mantendo alguma distância. — E como é que pensas que me podes ajudar? Sabes alguma coisa sobre as canetas que eu desconheça?

— Eu já tinha visto a palavra Illusya antes — explicou Bruno, com firmeza, que nem um ator que lança a deixa e espera pela resposta.

— O quê? — perguntou Margarida, apanhada de surpresa. — Onde?

— Aqui mesmo, nesta biblioteca! — respondeu Bruno, com um sorriso de triunfo no rosto. Começava a recuperar o controle da respiração e as batidas cardíacas desciam para os valores normais. — A princípio pensei que era daí que também a conhecias, mas afinal só a viste escrita na caixa. E então, achas que te posso ajudar ou não?

Margarida ficou sem palavras. Aquele pequeno rapaz — era mais baixo que ela, apesar de serem da mesma idade — que se habituara a ver à distância, remetido a um canto, preso às páginas de um livro, mostrava-se demasiado útil na investigação para continuar a ser ignorado. As amigas e as colegas certamente a gozariam se os vissem juntos, pois Bruno Lagarto não desfrutava de muita popularidade na escola, sendo visto como o rato de biblioteca que não falava com ninguém, mas naquele momento só lhe interessava descobrir os segredos das canetas.

— Mostra-me onde está — disse Margarida.

Bruno sorriu e avançou para a zona das prateleiras, seguido de perto por Margarida, já com a mochila às costas. Não estava à espera desta nova ajuda, mas ardia de curiosidade por saber onde é que Bruno tinha encontrado a palavra Illusya escrita.

A primeira hipótese recaiu sobre os livros de ficção. Bruno lera a palavra Illusya numa obra de literatura fantástica, uma feliz coincidência onde um escritor dera o mesmo nome a um continente, uma personagem, um animal ou uma espada, mas que nada acrescentaria à investigação. Se assim fosse, perdia um tempo valioso, em que poderia estar a desenhar novas portas. Depois pensou que ele a podia ter lido em documentos antigos, relatos de tempos idos sobre algum marinheiro ou cavaleiro que também encontrara as canetas e fizera portas mágicas, desaparecendo para sempre ao atravessá-las.

Indiferente às hipóteses que preenchiam a mente de Margarida, Bruno parou perto da prateleira gravada com a letra S e virou à esquerda, entrando no apertado corredor, aproximando-se da parede rachada e bolorenta do outro lado, que dava para o exterior. Margarida deixara-se ficar para trás, mas acelerou o passo quando Bruno lhe fez sinal para se aproximar.

— Então, em que livro é que leste a palavra Illusya? — perguntou, tentando disfarçar a ansiedade com uma pitada de ironia.

— Não foi num livro — explicou-lhe Bruno. — Quando vim tirar o Senhor dos Anéis da prateleira, reparei nos gatafunhos escritos na parede. A princípio não dei grande importância, pensei que era graffiti, até que reparei que não eram coisas recen-

tes, e pus-me a lê-los. Saltou-me logo à vista uma palavra fora do comum, Illusya.

Margarida sentia-se perdida, mas aproximou o rosto da parede gelada, observando os rabiscos apontados por Bruno. Entre muitos traços verticais atravessados por outros oblíquos que marcavam a passagem dos dias, alguns nomes próprios, referências a bandas musicais, diversas promessas de amor, desenhos de rostos expressando dor e outras representações macabras, lá estava marcada a negro, com letras muito toscas, a palavra Illusya.

— Espantoso... — murmurou Margarida. — Esta era a ala dos enfermos, não era?

— Pelo menos era assim chamada, nos tempos do hospício — respondeu Bruno, enquanto a rapariga se levantava. — Traziam para aqui os doentes que se feriam a eles próprios, ou então os mais perigosos que não podiam partilhar o mesmo espaço dos outros. Muitos deles passavam os dias amarrados com correias às camas, cujas cabeceiras ficavam encostadas a esta parede, perto das janelas.

— Então um dos doentes deste hospício sabia da existência do mundo Illusya, mas quando falou nisso foi considerado maluco e enfiado aqui dentro para apodrecer — rumorejou Margarida, com o cérebro a funcionar a mil à hora.

— E é por isso que temos de ser extremamente cautelosos — alertou Bruno, olhando sobre os ombros. — Se nos descuidarmos, acabamos como ele.

— Isto já não é um hospício — disse Margarida, discordando da última afirmação de Bruno. — Hoje em dia as coisas não funcionam assim!

— Experimenta contar o que descobriste a uma televisão ou a um jornal e vê o que te acontece! — argumentou Bruno. — Criaturas minúsculas a esvoaçarem num sótão? Dragões a espreitarem por detrás de portas de papel? Desejo-te boa sorte...

Margarida preparava-se para responder, quando os dois deram um pequeno salto ao ouvirem a porta da biblioteca ser aberta! Não se atreveram a espreitar quem entrara, mas puseram-se à escuta. Dona Lurdes cumprimentou o homem, que balbuciou

qualquer coisa antes de se encaminhar para as longas prateleiras carregadas de livros.

— Se ao menos soubéssemos quem esteve aqui internado, poderíamos saber o que lhe aconteceu, e que relação mantinha com as canetas — murmurou Margarida, recuando um pouco para que não fosse vista.

— Talvez tenhas sorte — disse Bruno, com um sorriso no rosto, ajeitando os óculos.

— Como assim?

— O incêndio que fechou o hospício destruiu a maior parte dos arquivos, mas sobraram alguns ficheiros que foram guardados numa cave!

— Como é que sabes?

— Bom, eu sou muito curioso por natureza — explicou-se Bruno, com o rosto avermelhado, tentando controlar a timidez que sentia ao falar com Margarida. — Quando vi uma porta na biblioteca a dizer passagem proibida, imaginei que guardava documentos raros e importantes, e senti uma vontade enorme em lê-los. Ao contrário do que pensava, a porta não estava trancada, e acabei por entrar. Foi aí que descobri os velhos arquivos.

O som de passos pesados a percorrer as prateleiras correspondentes às letras F-G fê-los silenciarem. Margarida espreitou entre os livros, mas eram muitas as obras que os separavam da origem do som, impedindo-a de identificar quem entrara na biblioteca.

— Dizes que os arquivos estão na biblioteca, nesta biblioteca?

— Sim, a porta da cave fica mesmo no fundo desta ala, ao pé das casas de banho. Suponho que antigamente teria outra utilidade, fosse no hospício ou mesmo antes, quando este lugar era um simples mosteiro.

— Então não há tempo a perder! Vamos!

Antes que Bruno pudesse alertar sobre o perigo que era invadirem áreas proibidas, ou avisá-la que podiam não encontrar a pasta que procuravam, Margarida certificou-se que o corredor perpendicular às prateleiras de madeira estava vazio e correu ao

longo do mesmo, seguida de perto pelo rapaz, atafalhado de roupa e com a mochila às costas, esforçando-se por manter a passada. Depois da letra Z o corredor desembocava nas portas das casas de banho, um beco sem saída, mas Bruno apontou para a direita, e lá estava uma pequena porta de ferro que quase passava despercebida, com o autocolante meio solto na mesma, onde se lia: *Passagem Proibida — Só pessoal autorizado.*

— Aí está ela, tal como te disse — avançou Bruno, sorrindo.

— E tens a certeza de que está aberta? — perguntou Margarida.

— Da última vez estava. Acho que a Dona Lurdes não tem a chave para esta porta, por isso colou-lhe o autocolante, na esperança que fosse suficiente para afastar os curiosos.

— Pois, só não estava a contar contigo — gracejou Margarida, deixando Bruno envergonhado, com o rosto mais vermelho do que um tomate. — Bem, só há uma maneira de sabermos!

Sob o olhar atento do rapaz, Margarida segurou o batente enferrujado e, após uma breve pausa, empurrou-o. Ouviu-se um estalo e a porta abriu-se!

## A SALA DOS ARQUIVOS

**A**o ser empurrada pelas mãos da Margarida, a porta chiou nos seus encaixes, e não fosse o alerta dado pelo Bruno o barulho teria chegado aos ouvidos atentos da Dona Lurdes, que não largava as suas revistas. Muito lentamente, abriram-na apenas o suficiente para se esgueirarem de forma que a figura mais anafada de Bruno não ficasse entalada. O ar da sala estava saturado, flutuando na escuridão o pó acumulado ao longo dos anos. A única iluminação provinha da porta entreaberta e de uma pequena janela retangular que, no exterior, deveria estar ao nível do solo.

— Cuidado com os degraus — alertou Bruno, que seguia à frente, calcando cada degrau com extremo cuidado. — O metal está muito mal tratado, é mais ferrugem do que ferro.

— Eu tenho sempre cuidado — respondeu Margarida, de forma seca.

— Calma, só estou a avisar — completou Bruno, torcendo o nariz. — Por mais de uma vez ia-me espalhando ao comprido!

— A Diana é que não podia vir aqui abaixo, com todo este pó — observou Margarida. — Ficava logo sem ar nos pulmões!

Desceram cautelosamente as escadas, evitando um degrau que rangia bastante, e pararam sobre o chão de pedra, observando o espaço à sua volta. A sala era grande e estava carregada de prateleiras metálicas atafalhadas de caixotes que, pela sua disposição, formavam um intrincado labirinto. Outras caixas empilhadas arquitetavam autênticas paredes e, nos cantos mais

soturnos, acumulavam-se tábuas com a madeira a estalar, latas de tinta vazias e amolgadas, juntamente com os restos das letras que formavam o nome do antigo hospício, “Casa da Sanidade”, carcomidas pelo tempo. A cada passo que davam, aventurando-se no desconhecido, deixavam uma nuvem de pó para trás. Aproximaram-se cautelosamente duns caixotes onde as palavras praticamente desapareciam sob as camadas de sujidade.

— Meu Deus, tantas caixas! — exclamou Margarida, sentindo-se por momentos de regresso ao seu sótão, tal era a desarumação. — Por onde é que havemos de começar?

— Por detrás destes caixotes estão as caixas carregadas com as fichas dos doentes que resistiram ao incêndio — informou Bruno, apontando para a parede empilhada à sua frente. — Começa por aí, que eu vou tentar encontrar as plantas do hospício.

— Para que é que queres as plantas do hospício? — perguntou Margarida, que questionava todos os seus passos.

— Temos de perceber quem é que esteve ali deitado, por isso temos de descobrir qual era o número da cama. Pode ser que, junto das plantas do hospício, exista um qualquer esquema de disposição das camas que nos dê uma pista.

Margarida acenou com a cabeça e separaram-se. Ali estava ela, a quebrar regras, atrás de um mistério tão fantasioso e ao mesmo tempo tão fascinante, com o parceiro mais improvável que se podia lembrar. Pela cabeça passou-lhe a imagem das amigas a zombar por estar encafuada naquela sala com o rato de biblioteca que era o Bruno Lagarto, mas nesse momento lembrou-se também que uma das suas melhores amigas estava chateada consigo. O melhor que tinha a fazer era despachar-se na sua missão para ir rapidamente apoiar Joana, que pelos vistos sofria em silêncio.

Determinada, Margarida foi esquadrinhar os arquivos, enquanto Bruno vasculhava entre os enormes rolos de papel encostados a uma das paredes, procurando algo que nem sequer sabia se realmente existia. Enquanto ele desenrolava os rolos, Margarida dedilhava as fichas pessoais de doentes que viveram anos e anos trancadas atrás das bafientas paredes. Algumas das

fichas, de cartão carcomido, ainda tinham fotos amarelecidas pelo tempo, rostos condenados a ficarem enterrados no passado e que ganhavam agora nova vida ao serem observados por aqueles grandes olhos verdes. A cada face que lhe passava pelas mãos, Margarida tentava imaginar a vida, os gostos, medos e desejos escondidos naquelas expressões perpetuadas no tempo. Tentando manter-se objetiva e racional, esforçou-se por perceber se, para além da ordem alfabética, existiria uma outra forma de catalogação dos doentes que os pudesse ajudar.

Pegou numa ficha ao acaso, a de um homem de olhar vazio, com o rosto esquelético onde despontava uma pequena barba e bigode branco, chamado Ezequiel Castanho. Tinha 51 anos e, de acordo com a ficha, tentara matar a esposa, apertando-lhe o pescoço, convencido que ela era uma enviada do demónio para o atormentar. Felizmente a esposa escapara com vida.

«*O que se passará na cabeça destas pessoas?*», perguntou-se, enquanto continuava a ler o resto da informação. Sentia-se incomodada por estar ali, não por ter violado uma proibição de entrada mas sim pelo frio que lhe percorria a espinha e pelos fantasmas que pensava estar a despertar cada vez que lia sobre a vida de pessoas que viveram existências traumatizantes.

Margarida sorriu ao ler no cartão, numa das alíneas, a referência à ala e à cama onde o doente ficara instalado. Com alguns números riscados antes dum outro, perfeitamente legível, percebeu que a informação era atualizada sempre que os doentes eram deslocados no interior da instituição.

— Bruno, anda cá, acho que descobri qualquer coisa! — exclamou, entusiasmada.

— O que foi? — perguntou o rapaz, que se aproximou o mais rapidamente que pôde, com um rolo de papel debaixo do braço.

— As fichas dos doentes dizem exatamente em que ala e em que cama é que foram colocados. Se soubéssemos qual era a disposição original das camas, poderíamos...

— Não digas mais nada! — interrompeu Bruno, com um sorriso no rosto. Perante o olhar atento da Margarida, desenro-

lou no chão o documento que trazia, revelando um esquema do hospício traçado a tinta negra sobre papel vegetal, com o desenho das respetivas camas, números, e o nome das alas.

— Conseguieste! — exclamou Margarida, tão feliz que beijou Bruno no rosto, deixando-o completamente desorientado.

— Desculpa, entusiasmei-me! — justificou-se a rapariga, recuando um passo e arrependendo-se do que tinha feito.

— Não... não faz mal — respondeu Bruno, tentando mostrar-se indiferente ao beijo, sabendo que o coração disparara que nem um foguete. — Temos é de descobrir qual era a cama que ficava no sítio onde está agora a prateleira da letra S.

Dois pares de olhos percorreram a ilustração da ala dos enfermos com cuidado, tentando visionar a atual disposição da biblioteca, recorrendo ao posicionamento das enormes janelas de ferro e vidro como referência. Após alguma discussão sobre o número de janelas que existiam na biblioteca, sobre onde começava e terminava cada prateleira e a distância entre a letra Z e a porta de ferro, os dedos acabaram por apontar para a mesma cama, a do número 33.

— Portanto, quem esteve deitado na cama 33 foi quem escreveu a palavra Illusya na parede — concluiu Bruno. — Já é um começo!

— Só falta mesmo separarmos todas as fichas de doentes que passaram pela cama — concluiu Margarida. — Vamos, temos pelo menos dez caixotes para procurar!

— E se encontramos mais do que um doente na cama 33? — perguntou Bruno. — Como é que vamos saber qual deles escreveu na parede?

— Concentra-te em encontrar as fichas! — resmungou Margarida. — Pensamos nisso depois!

Durante os vinte minutos que se seguiram, fichas voaram pela sala, à medida que Margarida e Bruno iam eliminando os doentes que não se encaixavam no perfil que desejavam. Procuravam com destreza, desejando que o nome que tanto queriam encontrar não se tivesse perdido no incêndio. Alimentavam a esperança que resistira à passagem do tempo e aguardara que

eles o viessem desenterrar do passado. À medida que os caixotes eram esvaziados, voavam para um dos cantos, na direção das antigas letras do nome do hospício que por pouco não escorregavam e caíam pesadamente no solo, sem que nenhum dos dois desse pelo tempo a passar. Quando chegaram ao fim, tinham separado oito hipóteses, oito fichas que Margarida segurou nas mãos com emoção.

— Preparada para ler os nomes? — alvitrou Bruno, tentando recuperar o fôlego.

— Cada um lê quatro, está bem — sugeriu Margarida, cujo coração batia com força no peito.

— Começa tu!

Margarida respirou fundo e leu o primeiro nome: Rui Amêndoa, 40 anos, indiciado por incendiar florestas pelo macabro fascínio de observar a dança das labaredas. Tentou pegar fogo duas vezes ao hospício e atacou dois colegas. Do grupo de oito cartões tinha sido o doente mais antigo a ocupar a cama. Bruno leu o segundo: Hélder Reis, 25 anos, internado pelos pais devido ao comportamento violento, pondo em risco a vida dos irmãos. Seguiram-se António Ameixa, Octávio Lamaçal, Diamantino Pereira, Jorge Salmão, Hugo Faia e Artur Luís, internado por esquizofrenia, o último a deitar-se na cama 33 antes do terrível incêndio que destruíra o hospício, vinte anos atrás. Nenhum deles trazia fotografia.

— Temos oito nomes para uma cama... — sussurrou Margarida, limpando com a manga o suor que lhe escorria pela testa, já que as mãos estavam cobertas de pó.

— E em nenhum dos cartões é revelado quem é que tinha a mania de escrever nas paredes, tal como eu avisara.

Margarida observou Bruno pelo ombro. Por muito que lhe custasse, tinha de admitir que o rapaz estava certo, pois nada nos cartões ajudava a descobrir a identidade do autor da palavra, nem tinham a certeza que fora um dos oito a escrevê-la. Todo o trabalho que tiveram podia esfumar-se em nada.

— Eu pensei que um dos nomes fosse fora do vulgar, está bem? — resmungou Margarida, tentando defender-se.

— Achavas que ias encontrar um cartão a dizer: “*Artemius Wiz, dono das canetas mágicas que abrem portas para outro mundo*”? — perguntou Bruno, ajustando os óculos. — Acho que nem os responsáveis do hospício iam entender um nome tão invulgar...

— O que é que disseste? — interrompeu Margarida, franzindo as sobrancelhas, com as ideias a fervilharem-lhe na mente.

— Disse do quê? — interrogava-se Bruno, sem perceber onde ela queria chegar. — Estás a falar do cartão a dizer Artemius Wiz?

— Não, estou a falar de não perceberem um nome tão complicado — explicou Margarida, recarregada de energia, apressando-se em reler os oito cartões com extrema atenção.

— Sim, estou a perceber — disse Bruno, esfregando o queixo. — Se Artemius estivesse no nosso mundo e por acaso fosse internado neste hospício, alguém podia confundir-lhe o nome por um outro mais comum.

— E Artemius Wiz podia ser confundido com... — avançou Margarida, com uma ficha sem fotografia na mão. — Artur Luís!

— Artemius Wiz... Artur Luís — murmurou Bruno. — Sim, és capaz de ter razão! Temos de ler a ficha com atenção!

Ainda estavam eles a festejar a descoberta quando o barulho da porta de ferro a roçar nos seus encaixes fê-los dar um salto e sustar a respiração. Já não estavam sozinhos! Margarida tentou espreitar entre os caixotes, mas não tinha visibilidade suficiente, embora o som dos encaixes de ferro fosse inconfundível. A passada pesada na escada metálica afastou qualquer dúvida.

— Achas que é a Dona Lurdes? — sussurrou Bruno, com o suor a escorrer-lhe pelo rosto e as mãos a tremelicar.

— Eu conheço bem a Dona Lurdes — respondeu Margarida, esforçando-se por falar baixo. — Se fosse ela já tinha mandado um berro para saber quem estava aqui dentro.

As passadas abandonaram as escadas e pisaram o chão poeirento. Uma respiração pesada tomou conta do silêncio e contribuiu para aumentar o temor.

Margarida arrastou-se ao longo da parede formada pelos caixotes e, ao dobrar a esquina, tentou desvendar quem seria a pessoa que entrara na cave. A pouca luz existente só lhe permitiu ver uma figura grande, de ombros largos, coberta por uma capa negra. Virava a cabeça para todos os lados, à procura de algo, e por pouco não descobriu Margarida, que recuou a tempo.

— Eu já vi este homem antes — revelou a Bruno, assim que o acercou. — Ontem, na biblioteca, quando eu estava a testar as canetas e hoje, quando descobrimos a palavra *Illusya* escrita na parede.

— Achas que ele tem alguma coisa a haver com as canetas? — perguntou Bruno, muito assustado.

— Pode ser coincidência, mas eu não vou ficar aqui à espera para descobrir.

— Então segue-me! — exclamou Bruno, tentando disfarçar o receio e procurando assumir a liderança.

Bruno conhecia melhor o vasto espaço do que Margarida, assim como a disposição das prateleiras metálicas e das paredes de caixotes, dos dias em que se esgueirara para descobrir os segredos da cave. Assim que ouviram os passos pesados movimentarem-se para a esquerda, rastejaram ao longo da parede de caixotes pela direita, produzindo mais barulho do que esperavam causado pelo arrastar das solas de borracha no chão de pedra coberto de pó. Iniciou-se então uma estranha perseguição em câmara lenta.

Margarida não parava de olhar sobre o ombro, e sempre que a sombra surgia ameaçadoramente sobre eles, dava indicações a Bruno para escolher outro buraco para se enfiarem. O pesado arfar mantinha-se sempre muito próximo, não os deixando esgueirarem-se rapidamente para a porta. Só alguns minutos depois conseguiram ver a escada metálica à sua frente sem ouvirem o som dos passos nas suas costas.

— Já não o oiço — alertou Margarida. — Será que se foi embora?

— Não o vi atravessar a porta, por isso deve estar parado — sugeriu Bruno. — Possivelmente cansou-se deste jogo do gato e do rato e deve estar à espera que tentemos sair.

— O que fazemos? — perguntou Margarida.

— A escada está à nossa frente com a porta bem aberta — apontou Bruno, com o dedo gorducho. — Se formos rápidos, ele não vai ter tempo de nos apanhar. Estás preparada?

Margarida anuiu com a cabeça. Teriam de ser muito ágeis, voar sobre as escadas, alcançar a porta e fechar o perseguidor na cave até encontrarem ajuda. Mesmo que estivessem a ser observados na escuridão e prestes a mergulhar numa armadilha, nunca seriam apanhados ao mesmo tempo. Um serviria de isco e outro conseguiria escapar. Bruno posicionou-se para correr, certificando-se que Margarida também estava pronta.

— Agora! — disse Bruno, lançando-se na direção da escada.

Margarida tentou correr mas, antes que pudesse dar o primeiro passo, sentiu uma poderosa mão segurar-lhe vigorosamente o tornozelo, acompanhada por um grito enlouquecido.

— As canetas! Eu quero as canetas!

Margarida gritou, tentando sem sucesso sacudir o adversário! Um rosto envelhecido, de barba e bigode branco, completamente careca mas com um olhar azul forte e penetrante, resguardado por fartas sobrancelhas alvas, observava-a com fúria, completamente alterado.

— Largue-me! — gritava a rapariga. — Largue-me, já disse!

— Elas vieram ter comigo, são minhas! — gritava o rosto embranquecido, com os olhos a chisparem raiva.

Bruno, ao aperceber-se do perigo que Margarida corria, mexeu-se com uma agilidade que até o surpreendeu. Num salto, correu para as letras do hospício e arrastou a custo o pesado “I”, que para sua sorte se partiu em dois. De “I” em punho e soltando um grito de guerra, bramindo-o que nem uma espada tal como lera em inúmeras aventuras, carregou sobre o homem que puxava Margarida e acertou-lhe no braço. Ao ser atingido, o estranho perseguidor soltou um grito e largou Margarida, que correu atabalhoadamente pelas escadas, quase torcendo um tornozelo num dos degraus metálicos que cedeu com o seu peso.

— Corre, Margarida, corre! — exclamou Bruno, largando a espada improvisada e seguindo-a de perto.

Conseguiram então abandonar a cave e, sem olharem para trás correram ao longo do corredor na direção da porta da biblioteca. Margarida coxeava um pouco, pois magoara-se no degrau, mas a vontade de sair dali era tanta que mordeu o lábio e ignorou as dores. Ao chegarem perto da porta, estranhou por não ver a Dona Lurdes sentada no seu posto, e os seus receios traduziram-se na desesperada afirmação de Bruno.

— A porta está trancada! — exclamou, forçando as maçanetas da mesma. — Estamos fechados aqui dentro!

— Não é possível — afirmou Margarida, afastando o rapaz e tentando abrir as portas, como se tivesse mais força do que ele. — A biblioteca está sempre aberta, só fecha na hora de almoço da Dona Lurdes...

Olharam ao mesmo tempo para os relógios e perceberam o que se passava. Nesse momento ouviram o distante ruído da porta de ferro a ser aberta, perto da letra Z.

— Temos de nos esconder! — exclamou Bruno, aterrorizado.

— Onde? Onde? — perguntava-se Margarida, incapaz de esconder o receio que fazia tremelicar o seu delgado corpo.

— Na letra B, rápido! — sugeriu Bruno.

Correram o mais depressa que puderam para o corredor formado pelas prateleiras da letra B e C, antes que a figura vestida de negro atravessasse a pequena porta.

— Tens um espelho na mochila? — perguntou Bruno, sussurrando para que não fosse ouvido por mais ninguém.

— Um espelho? Tenho, porquê?

— Usa-o para ver o que ele está a fazer?

— O quê?

— Nunca viste filmes passados em prisões?

— Não!

— Deixa estar que eu faço!

Bruno retirou o pequeno espelho cor-de-rosa das mãos de Margarida, suspirou fundo e colocou-se no limite da prateleira, de costas para a mesma, movendo o espelho para tentar perceber

os movimentos do homem. Margarida deixou escapar um suspiro de admiração, pois jamais se lembraria de fazer aquilo. Apesar do ar surpreso de Bruno quando ela lhe contou que nunca vira filmes de prisões, na verdade raramente via filmes, quer fosse na televisão ou no cinema. O pai achava que era um desperdício dar-lhe dinheiro para ir ver filmes que não serviam para nada, e em casa a televisão estava sempre ligada no canal favorito do Sr. Rodolfo Salgueiro, ou seja, o desportivo. Não fossem os livros velhos abandonados na cave e Margarida não teria acesso a outras aventuras que não fossem fugir da madrastra, aturar os gémeos ou sofrer os ataques de fúria do pai.

— Ele espreitou para dentro das casas de banho e agora começou a investigar cada prateleira de livros, letra a letra — informou Bruno, com a mão que segurava o espelho a tremelicar.

— Se ele não correu para a porta de entrada, é porque sabe que estamos aqui fechados — ponderou Margarida. — O ataque foi bem planeado...

— E se continuarmos parados, sem fazer nada, vamos ser apanhados que nem ratos numa ratoeira — interrompeu Bruno. — Precisamos de uma saída!

A passada arrastada ia aproximando-se lentamente, com a certeza que seria uma questão de minutos até capturar os dois furtivos. Associada à passada ouvia-se uma respiração pesada, acompanhada pela voz poderosa que os atemorizava.

— Eu quero essas canetas! Elas vieram ter comigo!

— Será que ele também encontrou as canetas e descobriu os seus segredos? — questionou-se Bruno. — Elas também foram ter contigo, certo? Certo?

Margarida já não o estava a ouvir. Só pensava na melhor forma de sair dali, e se a única porta existente estava fechada, só havia uma coisa a fazer.

— Tive uma ideia — exclamou Margarida — mas temos de ser rápidos! Ajuda-me a esvaziar estas prateleiras silenciosamente.

Bruno demorou algum tempo a perceber o plano de Margarida, mas acatou o seu pedido. Teria de confiar plenamente

nela, pois de momento não lhe surgiam nenhuma ideias. Apresaram-se a retirar o máximo de livros da prateleira, colocando-os no chão de forma silenciosa, com Bruno a interromper o trabalho só para acompanhar com o espelho o avançar do homem de negro, que já espreitava a prateleira F enquanto repetia a mesma frase enigmática. Assim que a prateleira ficou praticamente vazia, Margarida encostou as mãos à mesma e sorriu para Bruno, que continuava baralhado.

— E agora? — perguntou o rapaz.

— Agora empurrámos! — esclareceu Margarida, com um sorriso no rosto.

O homem de negro encontrava-se na letra D quando ouviu um barulho de objetos pesados a caírem e embaterem uns nos outros, vindo da sua esquerda. Antes que pudesse perceber o que se passava viu as pesadas prateleiras tombarem sobre si, só tendo tempo de mergulhar para o chão gelado e esperar não ser esmagado. Num efeito dominó, as prateleiras tombaram até à letra Z, terminando estrondosamente junto das portas da casa de banho, num misto de madeira lascada, livros rasgados e nuvens de pó!

— Rápido, temos de correr antes que ele recupere! — exclamou Margarida, satisfeita pelo seu plano estar a correr bem.

— Correr? Correr para onde? — perguntou Bruno. — A porta está fechada, não podemos sair daqui!

— Quem te diz que essa é a única porta que podemos usar? — perguntou Margarida, piscando o olho ao companheiro de aventuras.

Bruno finalmente percebeu o que Margarida queria dizer, e acelerou a seu lado na direção da porta de ferro. Ao passarem pela prateleira D, ouviram um gemido que os fez suspirar de alívio, pois temiam que pudessem ter morto uma pessoa ao derubar as prateleiras. Assim que entraram na cave e desceram as perigosas escadas de ferro, afastaram com a maior brevidade todos os caixotes que cobriam uma das paredes. Margarida abriu a mochila e retirou a caixa negra.

— Qual é que escolho? — perguntou Margarida, indecisa, a olhar para as seis hipóteses à sua frente.

— Sei lá, qualquer uma!

— A Chama dava acesso a um mundo de dragões — informou Margarida, lembrando o ameaçador dragão negro que por pouco não lhe mordiscou o olho — Quem sabe o que as outras escondem!

— Eu escolho, pronto!

Bruno antecipou-se a Margarida e retirou uma das canetas, começando logo a desenhar a porta na parede branca. O traço laranja que ia aparecendo revelou a Margarida que a caneta escolhida tinha sido a Raio.

Um ruído forte fê-los virar a cabeça na direção da porta, mas ninguém surgiu, embora aquele barulho só pudesse significar que o homem de negro acabara de se libertar da prisão de madeira e papel que quase o esmagara.

— Não temos muito tempo! — avisou Margarida.

— Estou quase a acabar!

Segundos depois a porta estava completa, com a fechadura bem desenhada e a maçaneta em relevo. Margarida roubou a caneta das mãos de Bruno e, sem demora, colocou a ponta do aparo na fechadura, rodando-a de seguida. Um breve estalo anunciou que a porta estava aberta, no mesmo momento em que o vulto do homem de negro tomou conta da entrada da porta de ferro.

— Não, não façam isso! — gritou o homem, com um golpe pouco profundo a rasgar-lhe a careca mas que lhe manchava o rosto de vermelho. — Não atravessem essa porta!

Ao verem o homem de negro tão próximo, Margarida e Bruno não hesitaram. Abriram imediatamente a porta e, sem pensarem duas vezes, atravessaram-na e fecharam-na atrás de si, sob os alertas desesperados do perseguidor.

Os gritos, o medo e a confusão ficaram para trás assim que a passagem foi trancada. Do lado em que estavam não existia uma porta desenhada, nem nenhum sinal que um portal fora aberto entre dois mundos. A satisfação inicial de terem escapado ao homem de negro começou a esmorecer mal perceberam que já não estavam no seu planeta.

— Onde é que estamos? — perguntou Bruno, olhando em seu redor.

— Não sei... — murmurou Margarida, atónita, tentando perceber onde tinha ido parar.

Os dois jovens sentiam-se perdidos. De um momento para o outro passaram de uma cave bafienta, carregada de caixotes, perseguidos por um desconhecido, para um cenário natural, uma floresta densa atravessada por feixes de luz que rasgavam o nevoeiro vespertino. Uma brisa gelada fazia os seus corpos estremecer e enregelava-lhes o rosto. O som de mochos e de aves de rapina contribuía para o aspeto fantasmagórico do local onde se encontravam.

— Margarida, estou um pouco assustado — confessou Bruno, inalando o ar gelado.

— Eu também — revelou a rapariga, cujos olhos percorriam cada centímetro de floresta à sua volta, atenta às mais diversas sombras e ruídos que pareciam surgir de todos os lados.

— E quem seria aquele tipo que queria acabar connosco? — perguntou o rapaz, tentando recompor-se.

Margarida olhou para Bruno, que a observava com os olhos muito abertos e se esforçava para manter os óculos bem apoiados no nariz. Podiam existir mil motivos para aquele homem os perseguir, mas ela só se conseguia lembrar de um.

— Sabes, eu acho que ele era o Artemius Wiz...

**D**iana aguardou pacientemente o regresso das amigas durante todo o intervalo das aulas, sentada na sala de convívio, mas ninguém apareceu. Ainda viu Joana de relance, a correr pelo pátio interior com o semblante carregado, mas quando a chamou, a rapariga de cabelos pretos e vermelhos fingiu que não ouviu. Virou-lhe as costas e desapareceu atrás de uma porta. Cansada de esperar, Diana levantou-se e caminhou apressadamente até à biblioteca. Preparava-se para abrir a porta quando percebeu que estava trancada, com um aviso rabiscado pela Dona Lurdes a baloiçar num gancho, informando que tinha ido almoçar. Diana confiava que Margarida, não estando na biblioteca, iria ter consigo durante o intervalo das aulas para juntas investigarem o segredo das canetas, mas não havia sinal da amiga.

«*Onde é que ela se terá metido?*» — pensou, parada em frente da biblioteca, espreitando os corredores de pedra na esperança de vê-la surgir a qualquer momento.

A única pessoa que apareceu numa passada descontraída foi a Dona Lurdes, de ar satisfeito e sorriso no rosto, transportando na mão uma sandes embrulhada em papel branco, manchado de gordura. Ficou entusiasmada por ver uma aluna junto à porta, ansiosa por entrar, e acelerou um pouco o passo.

— Diana Faísca, bons olhos te vejам! — exclamou a Dona Lurdes, passando a mão pela trança negra da rapariga. — Pelos vistos o teu gosto pela leitura cresce a olhos vistos! Deve ser influência da Margarida! Vieste buscar algum livro?

— Antes fosse, Dona Lurdes! — explicou Diana. — O problema é que não encontro a Margarida, e o último lugar onde a vi foi aqui mesmo, na biblioteca, antes de ir para as aulas.

— Engraçado... — disse a Dona Lurdes, coçando os cabelos laranja. — Agora que falas nisso, não me lembro de a ver sair antes de ter ido almoçar, nem a ela nem ao Bruno. Meu Deus, será que os tranquei lá dentro? Que cabeça a minha!

Mordida de preocupação, a funcionária lançou a mão ao bolso e retirou a chave, que quase lhe escorregou entre os dedos juntamente com a sandes antes de entrar na fechadura. Abriu a porta de rompante e soltou um grito perante o cenário de destruição!

As prateleiras de madeira que continham os livros estavam arruinadas, tombadas umas sobre as outras numa espiral de devastação, e as obras espalhavam-se pelo chão que nem papel sem valor! Diana ficou de boca aberta perante o caos que se instalara na biblioteca, mais parecendo que tinha sido varrida por um furacão!

— Meu Deus! Meu Deus! — exclamava a Dona Lurdes, levando as mãos à boca. — O que é que aconteceu aqui! Vândalos! Tenho de avisar alguém!

Dona Lurdes correu porta fora, em pânico, deixando Diana sozinha no teatro de guerra em que se transformara a biblioteca. A repariga sabia no seu íntimo que aquela destruição estava certamente relacionada com o misterioso desaparecimento da Margarida e com as canetas. Veio-lhe à cabeça a história do dragão negro que *Maga* descobrira quando espreitou pela pequena porta mágica. Imaginou-o a entrar neste mundo e a destruir por completo as prateleiras, abrindo as suas enormes asas e tentando incinerar a pobre Margarida, embora nenhuma tábuca estivesse calcinada ou mostrasse farpas chamuscadas. Tivesse o dragão sido ou não responsável, Diana sabia que precisava descobrir onde estava a amiga antes que a Dona Lurdes regressasse.

— Margarida? — chamou Diana, caminhando com cuidado sobre as obras de páginas rasgadas e capas dobradas que se aglomeravam sob os seus pés, formando um tapete escorregadio e perigoso.

A cada passo que dava aumentava a tensão! O inalador foi retirado do bolso e levado à boca para controlar a respiração. Existia muito pó em seu redor, mas Diana estava determinada em encontrar a amiga. Sentiu um nó no estômago quando viu uma poça de sangue perto de uma das prateleiras tombadas, que tingia o chão e alguns livros.

— Margarida, estás aí? — perguntou, espreitando entre os destroços.

Ninguém respondeu. Diana reparou que, para além da mancha grande, pequenas gotas de sangue partiam na direção das casas de banho. Continuou a caminhada, tentando afastar a tenebrosa imagem que agora insistia em assombrar a sua mente, a de Margarida tombada sem vida, coberta de sangue, a ser devorada por um dragão que triturava os seus ossos com as poderosas mandíbulas.

«Será que o Bruno Lagarto passou-se e atacou a Margarida para lhe roubar as canetas?» — pensou, mas afastou prontamente a hipótese da cabeça. Por mais estranho e introvertido que fosse, não conseguia ver o pachorrento rapaz a ter uma atitude tão violenta, embora as notícias de ataques nas escolas se multiplicassem, na maior parte das vezes protagonizados pelos alunos mais calmos. Qualquer rosto simpático podia esconder um potencial homicida!

O trilho de gotas prolongava-se até uma pequena porta de ferro cuja existência Diana desconhecia. Embora estivesse semiaberta, Diana jamais entraria, não fosse a mão de sangue marcada na mesma. A medo, empurrou a porta, assustando-se com o ruído produzido pelos encaixes.

— Margarida, estás aí?

Silêncio. Diana olhou para o corredor, mas a Dona Lurdes ainda não voltara. Teria de seguir sozinha. Avançou através da fresta aberta e viu as escadas metálicas, com um degrau quebrado. Mais uma vez recorreu ao inalador, enquanto mergulhava no ar bafiento e se deparava com as paredes feitas de caixotes e armários de ferro. Passou pela metade da letra “I” usada por Bruno para se defender, desconhecendo a batalha que ali ocorrera, mas não encontrava sinais da amiga.

— *Maga*, se estiveres aqui diz-me qualquer coisa, por favor! — pediu Diana, escorregando nas fichas de doentes espalhadas pelo chão, com as pernas a tiritar.

As gotas de sangue terminavam numa das paredes da cave, onde minutos antes uma porta mágica fora desenhada, agora tapada por caixotes colocados apressadamente uns sobre os outros para escondê-la.

— Margarida, aparece — rogou Diana, com os olhos marejados. — Vamos investigar o mundo de Illusya juntos...

— Illusya? Disseste Illusya? — perguntou uma voz roufenha.

Diana soltou um grito! Atrás de si estava um homem alto, careca, de olhar penetrante e com o rosto manchado de sangue seco, que a observava que nem um falcão. Sem pensar duas vezes, Diana correu na direção da porta antes que o homem pudesse reagir, galgando apressadamente os degraus. Atravessou a biblioteca sem olhar para trás, com o coração quase a saltar-lhe pela boca e o ar a fugir-lhe dos pulmões. Tentou alcançar o inalador, mas este escorregou-lhe entre os dedos e caiu sobre os livros que agora forravam o chão. Quando se baixou para apanhá-lo, viu o homem de negro sair da cave e gritar-lhe qualquer coisa que não conseguiu deslindar. A única coisa que queria fazer era sair dali o mais rapidamente possível!

Atravessou a porta da biblioteca e, meia dúzia de passos depois, chocou com a Dona Lurdes, que se fazia acompanhar pela diretora da escola e mais dois seguranças.

— Diana, o que é que se passa? — perguntou a Dona Lurdes, preocupada com o ar desesperado da rapariga de trança negra.

— Lá dentro... Lá dentro...

— Acalma-te rapariga, e diz-nos o que é que se passa? — perguntou a diretora, assustada com o rosto ruborizado de Diana e as veias que surgiam sob a pele do pescoço.

— Um homem... lá dentro... sangue... a Margarida desapareceu!

Ao ouvir tais palavras, a diretora deu ordem aos seguranças para entrarem imediatamente na biblioteca, enquanto a Dona

Lurdes esforçava-se por acalmar Diana, que pouco a pouco recuperava o fôlego.

— Conta-nos o que viste, Diana — pediu a Dona Lurdes, assim que se apercebeu que a rapariga estava mais calma.

— Vi... vi uma mancha de sangue no chão e segui-a até à porta de ferro, perto das casas de banho — explicou Diana.

— A porta de ferro? — interrompeu a Dona Lurdes. — Meu Deus, já me tinha esquecido que essa desgraçada existia! É uma velha cave atafalhada com lixo que já devia ter sido esvaziada há muito tempo!

— Estava lá um homem — continuou Diana. — Tinha o rosto coberto de sangue e tentou-me agarrar quando eu...

— Quando tu? — perguntou Lurdes.

Diana calou-se a tempo. Não podia contar sobre Illusya sem ter de explicar toda a história das canetas pretas, da porta que fora aberta por Margarida numa folha de papel ou de Ignob-bit Vyks, a criatura de outro mundo.

— Quando eu chamei pela Margarida — mentiu.

Nesse momento os seguranças aproximaram-se de mãos vazias, informando que não descobriram ninguém no interior da biblioteca, confirmando apenas a existência das manchas de sangue. Diana estremeceu, ao pensar que o homem de negro tinha escapado e que agora sabia que ela estava a par da história de Illusya, colocando-a em perigo!

Já o sol descia no horizonte e as aulas tinham acabado quando Diana tocou à porta da casa de Joana. Era uma vivenda pequena, cercada de muros baixos, com paredes imperfeitas onde a tinta estalara em diferentes pontos. Tinha um pequeno jardim que há muito não era cuidado, sufocado pelas ervas daninhas que envolviam plantas e flores. O azul em que fora pintado estava desgastado e sujo, transmitindo um aspeto degradado à habitação. Ficava situada na zona mais antiga do Poço dos Desejos, não muito longe da casa da Margarida.

— Olá Diana, és tu! — exclamou uma mulher magra, de olhos cavados, rosto prematuramente envelhecido e pele pálida,

vestida com uma bata floreada, com um lenço na cabeça e luvas rosa de borracha nas mãos. O sorriso estava marcado por um hematoma que partia do lábio e terminava na bochecha esquerda, em tom arroxeadado.

— Olá Sra. Biscoito — cumprimentou Diana, evitando olhar para a ferida no rosto da tristonha mulher. — A Joana está?

— Está sim, mas não sei se quer falar contigo... está com os azeites, sabes como ela é!

Diana esboçou um sorriso amargo. Ela conhecia o verdadeiro motivo pelo qual a amiga não a queria ver. A discussão que tiveram na sala de convívio ainda estava acesa no seu coração, a forma conflituosa como se separaram ainda lhe ardia no peito. Mesmo sabendo que o tempo tudo sararia, Diana não podia esperar nem mais um segundo. A vida de Margarida podia correr perigo, e só elas as duas a podiam ajudar!

— Por favor, peça-lhe para vir cá fora — rogou Diana. — Diga-lhe que é por causa da Margarida e do Artemius.

— Artemius? — indagou a Sra. Biscoito, franzindo a sobancelha.

— Sim, diga-lhe isso, por favor, ela vai entender!

Diana viu a Sra. Biscoito desaparecer atrás da porta com uma expressão desconfiada e aguardou. Citar o nome de Artemius podia funcionar como uma faca de dois gumes: despertaria a curiosidade de Joana ou lembrar-lhe-ia os relatos de Margarida que tanto a enervaram? O episódio do homem de negro não saía da atormentada cabeça de Diana, e muitas vezes dava por si a olhar sobre o ombro, com medo de estar a ser seguida. Alguma coisa acontecera à Margarida, e aquele desconhecido estaria certamente envolvido. Desde a confusão na biblioteca que Diana não sabia ao certo o que fazer, por isso lembrou-se de recorrer à única pessoa em que confiava a cem por cento.

Esperou pacientemente durante alguns minutos, com a noite a descer sobre si, e preparava-se para desistir quando ouviu a porta abrir-se. De lá surgiu Joana, com as suas roupas coloridas, olhando para Diana através de uma fresta com ar desconfiado.

— O que é que querem, tu e a sonhadora da Margarida?

— perguntou, carrancuda, tentando perceber onde Margarida se escondera, já que só via Diana. — Viram mais criaturas de outros mundos?

— Não soubeste o que se passou na biblioteca? — perguntou Diana.

— Não — respondeu Joana, de forma seca. — Vim-me embora quando tu me chamaste no pátio.

— A biblioteca foi destruída! — anunciou Diana, com os olhos muito abertos. — Destruída quando a Margarida estava lá dentro com as canetas, e ela agora desapareceu!

— A Margarida desapareceu? — perguntou Joana, cujo rosto passou de uma expressão de indiferença para um esgar de preocupação. — Espera, vou já ter contigo!

Minutos depois Joana atravessava o portão da sua habitação e estacava ao lado de Diana, que não escondeu a satisfação ao perceber que a amiga não esquecera a amizade que sentia por Margarida, colocando-a acima de qualquer desaguisado.

— Disseste que a Margarida desapareceu? — perguntou Joana, visivelmente preocupada.

— Procurei-a por toda a escola e nada — esclareceu Diana.

— E já foste à casa dela?

— Pensei nisso, mas tive medo de ir lá sozinha enfrentar o Sr. Salgueiro. O homem é terrível!

— Eu não tenho medo desse velho rezingão — afirmou Joana, sorrindo para amiga. — Vamos lá, pode ser que eles tenham novidades!

Juntas caminharam numa passada larga ao longo da estrada pobremente alcatroada. A noite de Inverno já açambarcara o Poço dos Desejos, com a temperatura a descer abruptamente mal o sol descia para o seu repouso diário, mas as duas amigas avançavam sob as luzes dos postes de iluminação, determinadas, desejosas de descobrir o que se passara com Margarida. Diana aproveitou para contar o que ocorrera na biblioteca, o susto que apanhara com o homem de negro, o sangue que se espalhara pela antiga ala dos enfermos e o facto do desconhecido a ter ouvido a citar Illusya, e também conhecer o significado da palavra.

— Tu acreditas mesmo na história da Margarida? — perguntou Joana, tentando reprimir o seu lado lógico e racional, dando espaço a teorias mais fantasiosas. — Achas que existem mundos paralelos?

— Eu vi a porta desenhada no papel ser aberta, Joana, vi a luz dum sol a iluminar a biblioteca — contou Diana, emocionada. — Por mais incrível que pareça, Illusya é real, e as canetas conseguem mesmo abrir portais para outros mundos!

— Se eu tivesse acreditado nela, podia tê-la protegido... — lamentou-se Joana, relembrando a última discussão.

— Ias protegê-la de um dragão negro? — interrompeu Diana. — Sim, porque quando espreitou pela porta, a Margarida quase foi mordida por um desses lagartos com asas!

— E por falar em lagartos, achas que o Bruno está envolvido no desaparecimento da nossa amiga? — perguntou Joana, matutando sobre o desaparecimento do rapaz, ocorrido na mesma altura do de *Maga*.

— Não, eu acho que ele foi envolvido involuntariamente — comentou Diana. — Só espero que os dois estejam bem.

Não demorou muito para alcançarem a casa amarela do casal Salgueiro. Estava tudo muito silencioso, com as luzes apagadas e o canto dos grilos a ecoar num ritmo constante. As raparigas hesitaram tocar na campainha junto ao portão de ferro, com a mão de Diana a recuar no último momento. Acabou por ser Joana a tomar a iniciativa, e mal soltou o botão viu o Sr. Salgueiro surgir esbaforido à porta. Desceu os degraus de mármore apressadamente e abriu vigorosamente o portão de ferro, ficando cara a cara com as duas raparigas.

— Onde é que ela anda? — inquiriu, com as pontas do bigode arrebitadas e o rosto avermelhado. — Onde, não ouviram?

— Não sabemos... — respondeu Diana de imediato, tal foi o susto que apanhou.

— Não sabem? Como é que não sabem? Vocês as três passaram os dias juntas! — insistiu Rodolfo, apontando para as raparigas e soltando perdigotos a cada palavra. — Digam-me, onde

é que anda essa cabeça no ar que ainda não apareceu em casa? Despachem-se, antes que eu perca a paciência!

Diana preparava-se para repetir que não sabia onde andava a Margarida, nem se estava a salvo, mas Joana antecipou-se e colocou-se à sua frente, fixando o olhar nos pequenos olhos negros e furiosos do Sr. Salgueiro.

— Ela pediu-me para avisá-lo que vai passar a noite na minha casa — engendrou Joana, falando num timbre firme e desafiador, que deixou Rodolfo ainda mais danado.

— Ai sim? E com a autorização de quem? — vociferou.

— Ela ainda está dorida da discussão que tiveram ontem à noite — avançou Joana, sem mostrar receio, jogando o seu trunfo. — Se estiver esquecido, eu posso relembrar-lhe o que aconteceu, mas devo avisá-lo que não estamos sozinhos.

Rodolfo olhou à sua volta, e percebeu que os seus gritos tinham chamado a atenção dos vizinhos. Eram muitos os rostos que espreitavam por janelas abertas, sobre os muros caídos ou resguardados por portas semiabertas. Ele sabia que as suas discussões com Margarida eram repetidamente comentadas no café, sempre que não estava presente, e não estava disposto a dar azo a mais conversas nas suas costas.

— Então, onde é que anda a fruta podre? — perguntou Albertina, surgindo à porta ladeada pelos gémeos, ávidos por novidades em que pudessem afiar as pérfidas línguas.

— Está na casa de uma amiga! — exclamou Rodolfo, virando costas às raparigas e resmungando entre dentes.

— Eu não te disse? — instigou Albertina, apoiada pelo riso irritante dos gémeos. — Estavas tu preocupado para nada! Não houve nenhum homem de negro nem nenhum acidente na biblioteca da escola, como disse a diretora ao telefone. A irresponsável foi passear e não se preocupou em avisar-te. Nem um mísero telefonema!

— Ela vai ver o que a espera quando voltar! — exclamou Rodolfo, antes de fechar a porta atrás de si.

Mal o Sr. Salgueiro desapareceu no interior da casa amarela, os vizinhos recolheram-se, deixando as raparigas novamente

acompanhadas apenas pelo som dos grilos e o esvoaçar dos mosquitos que circundavam ao redor das lâmpadas dos candeeiros.

— Porque é que inventaste esta história? — perguntou Diana, olhando para a amiga.

— O que é que preferias? Que eu dissesse que ela desapareceu sem deixar rasto? Ou que foi perseguida por um homem que conhecia as suas canetas mágicas?

— Tens razão... mas, e agora? O que é que nós as duas, sozinhas, podemos fazer para ajudar a *Maga*?

Joana olhou para Diana, e percebeu que ela procurava em si uma solução. Joana nunca se vira como uma líder, ainda mais com a embrulhada em que estava mergulhada a sua vida, mas naquele momento teria de se assumir. Inconscientemente tomara todas as decisões para tentar encontrar Margarida, o que fazia dela líder do pequeno grupo bicéfalo. O problema é que Joana não sabia ao certo o que fazer.

— Amanhã regressamos à biblioteca e procuramos novas pistas — sugeriu, tentando esboçar um sorriso que tranquilizasse Diana. — Por agora o melhor que temos a fazer é voltarmos para casa, está bem?

Diana concordou. Realmente não havia mais nada a fazer. Voltaram costas à casa amarela, quando uma voz masculina as fez olhar para trás. Perto do portão verde do Sr. Salgueiro estava Pedro, o irmão de Margarida que, ajeitando um casado de ganga preto, correu para elas.

— Esperem, precisamos de conversar! — exclamou.

Diana corou um pouco quando o rapaz moreno se aproximou delas. Sempre tivera uma paixão secreta por Pedro, que escondera de todos à exceção do seu diário. Ao vê-lo tão próximo de si, sentiu a temperatura do corpo subir e levou a mão ao bolso, recorrendo ao inalador.

— O que é que precisamos de conversar? — perguntou Joana, enquanto Diana procurava acalmar-se.

— Onde é que está a minha irmã? — perguntou.

— Então, ela está na casa da Joana, porque... — explicou Diana, antes de ser interrompida.

— Essa foi a história que venderam ao meu pai, mas para virem até aqui a verdade deve ser outra!

— E que verdade é que achas que estamos a esconder? — perguntou Joana, que estava a ficar irritada com o tom agressivo na voz de Pedro.

— Não é seguro falarmos aqui — disse Pedro, com um ar desconfiado. — Venham comigo!

Pedro conduziu as raparigas por um caminho de terra batida que os foi afastando das casas. Terminava num matagal de arbustos altos que lhes chegavam aos ombros, onde despontavam alguns pinheiros. A área estava pouco iluminada, o que deixou as raparigas apreensivas, mas Pedro mexia-se com a naturalidade de quem conhecia bem aquelas paragens. Tinha construído ali o seu primeiro refúgio com tábuas de madeira abandonadas, um espaço onde podia afastar-se das confusões, dos gritos e discussões que marcavam o dia-a-dia da casa amarela. Algumas vezes cedera o espaço a Margarida, até o pai descobrir onde é que ela se refugiava depois de uma discussão e reduzir a casa de madeira a um aglomerado de tábuas partidas, perante o olhar conformado de Pedro, que nada fez para o impedir.

— Eu vi as pegadas no pó e as marcas dos dedos minúsculos! — revelou o rapaz.

— De que é que estás a falar? — perguntou Joana, decidida a manter-se na defensiva.

— Estou a falar de Ignobbit!

— Tu estás a par das canetas, e do mundo de Illusya? — perguntou Diana, percebendo que falara demais ao ver a expressão de desaprovação no rosto de Joana.

— Não, mas de certeza que vocês vão contar-me tudo o que sabem.

As amigas trocaram olhares, e não viram outra solução a não ser revelarem tudo o que sabiam. Encostaram-se ao tronco de um dos pinheiros e, depois de se certificarem que nenhum olhar alheio os mirava das janelas que os rodeavam, desbobinaram o que sabiam e o que Margarida tinha contado. A cada novidade, os olhos de Pedro brilhavam, indo da descrença até

à aceitação que tudo podia ser mesmo real. A história da porta vermelha deixou-o de boca aberta, tal como a descrição de Ignobbit, pouco rigorosa porque nenhuma das raparigas o vira em carne e osso, recorrendo apenas às informações transmitidas por Margarida. Uma brisa gelada fustigava os arbustos cada vez que a palavra Illusya era citada, e foram várias as vezes que Joana teve de travar o empolgamento de Diana para que esta não perdesse o fôlego.

Depois de ouvir todo o relato, Pedro suspirou, lembrando-se das inúmeras vezes em que sorrira ao ouvir a meia-irmã contar-lhe sobre os seus sonhos e fantasias. Agora que estava a viver uma aventura na vida real, Margarida colocara-se numa posição delicada e corria perigo de vida. Cabia-lhe, como irmão, protegê-la, como ela o defendera tantas vezes no passado. Ainda no dia anterior Margarida amparara-o quando ele lhe desabafou o seu segredo, e prometeu estar a seu lado quando contasse aos pais a verdade sobre as suas notas escolares.

— Eu sabia que algo de estranho se passara — disse Pedro, com o olhar perdido no horizonte. — Ela não me deixaria ir sozinho contar a verdade aos meus pais, ainda mais depois de prometer que ficaria a meu lado...

— Pois, o problema agora é descobrir onde está a Margarida — interrompeu Joana.

O silêncio da noite foi rasgado pelo aparecimento de uma sombra negra que surgiu dos arbustos e se colou a eles! Os três rostos viraram-se ao mesmo tempo, e Diana foi a primeira a gritar, ao reconhecer a face envelhecida que os observava como sendo a do homem ensanguentado com quem se cruzara na biblioteca.

— É ele, o raptor da Margarida! — gritou.

O homem lançou imediatamente o braço e segurou com força o ombro de Diana, que se debateu com vigor! Joana caiu no chão com o susto enquanto Pedro descobriu dentro de si uma força que desconhecia. Se por um lado quis fugir, por outro, ao saber que aquele homem podia estar por detrás do desaparecimento da meia-irmã, optou por contra-atacar.

Agarrou numa das tábuas tombadas no chão, restos da sua antiga casa, e girou-a sobre a cabeça, lançando-se contra o desconhecido. O homem desviou-se e, com a mão solta, empurrou-o para longe. Joana e Diana gritavam bem alto, o que fez com que as luzes de algumas casas que ficavam mais próximas se acendessem.

— Estejam caladas! — exclamou o homem. — Já chega de disparates!

— Então largue-me! — gritou Diana. — Largue-me, eu ordeno!

Para surpresa de Diana, o homem soltou-lhe o ombro, o que fez com que caísse desamparada no solo.

— Acalmem-se, por favor! — pediu o homem, ao ouvir vozes aproximarem-se e ao perceber diversos movimentos ao longo da estrada. — Vocês precisam de mim! Eu sei onde está a Margarida!

— Claro que você sabe onde está a minha irmã! — exclamou Pedro, já de pé e com os dedos fincados num pequeno arbusto que arrancara do solo. — O que é que lhe fez? Quem é você?

— O meu nome é Artemius Wiz, e sou a única hipótese que a Margarida tem de escapar desta trapalhada com vida!

## OS ESPÍRITOS DA FLORESTA

**A** noite já caíra sobre a floresta quando Margarida e Bruno se sentaram sob os ramos de um velho castanheiro. Nunca a natureza lhes parecera tão ameaçadora, com todos os ruídos dos animais a soarem a perigos iminentes, o vento a soprar nas ramagens que nem lamentos de almas penadas e o resfolhar das folhas mortas a antecipar a chegada de algum inimigo. Até a temperatura caíra abruptamente, fazendo os dois amigos encolherem-se abrigados sob a grande árvore. Bruno lembrou-se das imagens coloridas e cheias de vida que via nos documentários sobre a vida selvagem, mas aquela floresta pouco ou nada tinha de acolhedora. Sentiam-se sós, perdidos num mundo que desconheciam, à mercê de qualquer perigo recheado de garras e presas que se esgueirasse no meio do arvoredo para devorá-los.

— Como é que saímos daqui? — perguntou Margarida, com o rosto gelado e o capuz da gabardina colocado sobre a cabeça.

— Boa pergunta — respondeu Bruno, assustado. — Tu é que tens as canetas!

— Grande ajuda que me saíste!

— O que é que queres que eu faça? Não sei onde estamos!

Margarida esfregou vigorosamente os braços. O frio apertava e, se ficassem ali parados por muito mais tempo, acabariam por enregelar. Ela realmente tinha as canetas, como Bruno fizera questão de lembrar, mas não sabia para onde os levaria uma nova porta que abrisse. Em principio, levá-los-ia de volta para

o planeta Terra, mas isso não significava que fosse precisamente para o Poço dos Desejos.

— Posso experimentar todas as canetas, mas quem sabe para onde nos levam? — disse Margarida, traduzindo os seus receios.

— Usa a mesma caneta que abriu esta porta, de certeza que nos levará de volta a casa!

Margarida estava um pouco renitente, mas a vontade de regressar a casa e a expressão de medo vincada no rosto de Bruno fê-la levantar-se e retirar a Raio da caixa negra. Não se sentia confiante, temia que algo de errado pudesse acontecer. O alerta desesperado do homem de negro para que não atravessassem a porta ainda lhe martelava a mente. Se o atacante fosse mesmo Artemius Wiz, ele conheceria melhor do que ninguém os segredos encerrados nas canetas, assim como os seus perigos ocultos. Sob o olhar atento de Bruno, aproximou-se de uma rocha alta e larga, iluminada por uma grandiosa lua que rasgava o negrume da floresta com o seu brilho, e começou a desenhar uma porta. O símbolo da caneta brilhou a cada traço tremelicado desenhado por Margarida. Mal a porta ficou pronta, o aparo rodou na fechadura.

— Estás pronto? — perguntou a rapariga.

Bruno acenou com a cabeça. A hipótese de regressar a casa e sair daquele floresta misteriosa aqueceu-lhe o espírito. Margarida segurou na maçaneta, que ganhou uma dimensão própria mal a sua mão se aproximou, e afastou a porta de pedra. Um vento quente emanou do outro lado, tão intenso que a derrubou!

A porta começou a abanar violentamente, fustigada por uma tempestade de areia cujo clamor avassalou a floresta, que se viu invadida por ventos fortes e detritos de outro mundo!

— Fecha a porta! — gritou Margarida, ainda caída e na linha de fogo da tempestade. — Fecha-a antes que salte do encaixe e fique aberta para sempre!

Bruno lançou-se contra a porta e empurrou-a com força. A principio parecia uma batalha perdida, tal era o ímpeto com que a tempestade chicoteava o ar com areia. Os seus pés derrapavam

na terra solta cada vez que a porta baloiçava, mas Bruno não estava disposto a desistir. Com o rosto vermelho e as veias do pescoço a sobressaírem na pele, manteve-se firme na sua posição até que um momento de pausa na tempestade permitiu-lhe selar aquela passagem e devolver a paz à floresta.

— Mas o que raio foi aquilo? — perguntou Bruno, tentando recuperar o fôlego.

— Devo ter aberto uma porta para o deserto — arriscou Margarida, sentada numa pequena duna, sacudindo a camada de areia que se acumulara nas roupas, no rosto e no cabelo. — Ao abrir as portas, não consigo escolher o lugar para onde quero ir.

— Então temos de abrir várias portas até encontrar o caminho certo — sugeriu Bruno, ao imaginar-se preso naquela floresta para sempre. — Não há outra solução!

— E quando a tinta das canetas acabar? — perguntou Margarida. — O que é que queres fazer depois, se todas as tentativas falharem?

Bruno olhou-a de lado. Havia algo de estranho no discurso de Margarida que ele não conseguia perceber. Esta primeira experiência com as portas não correra bem, mas mesmo que abrissem outra porta para um qualquer país na Terra, podiam telefonar a um familiar e arranjar forma de regressarem a casa. As constantes dúvidas de Margarida só podiam significar uma coisa.

— Tu não queres regressar — afirmou, franzindo as sobrancelhas.

— O quê?

— Ouviste-me bem, tu não queres regressar a casa!

— Não digas disparates!

— Mas é óbvio! — continuou Bruno, claramente chateado. — Todos na escola sabem que levas tarefa dos teus pais, e que passas a vida a sonhar com mundos desconhecidos. Embora tu queiras ficar aqui para sempre, eu tenho uma família saudável para voltar!

— Tu não tens direito de falar assim comigo, caixa de óculos! — gritou-lhe Margarida, enfurecida.

— E tu não tens direito de me prender aqui — respondeu-lhe Bruno, no mesmo tom. — Dá-me as canetas!

— Nem penses! — exclamou Margarida.

— Eu quero as canetas, agora!

Para surpresa de Margarida, Bruno lançou-se sobre si, e por um triz não a deitou ao chão. Ela desviou-se no último segundo, mas nem teve tempo de respirar, pois Bruno desferiu um novo ataque que os fez rebolar sobre o solo de terra seca. No meio da confusão, a mochila de Margarida, com a caixa das canetas, saltou para longe. Assim que a viu, Bruno lançou-se na sua direção, mas Margarida segurou-o pelas pernas e fê-lo estatelar-se, saltando-lhe os óculos do nariz!

— As canetas são minhas! Elas vieram ter comigo! — gritou Margarida, correndo para a mochila.

— Ouve o que estás a dizer — resmungou Bruno, pregando uma rasteira à rapariga. — Estás a ficar obcecada com o raio das canetas!

— Eu? Tu é que queres ficar com elas!

Após meia dúzia de cambalhotas, que os afastou da pedra e da porta nela desenhada, acabaram agarrados à mochila, com os rostos bem colados e os olhares a chisparem raiva! Nenhum estava disposto a abdicar das canetas, e ficariam toda a noite envolvidos na luta não fosse um ruído vindo de longe desviar-lhes a atenção.

— Ouviste aquilo? — perguntou Margarida.

— Sim, está distante, mas parece que se aproxima rapidamente — confirmou Bruno. — O que será?

Ficaram os dois parados, no meio da estrada de terra batida, com o olhar perdido no ponto de onde o barulho provinha, até se aperceberem do surgimento de uma nuvem de pó, acompanhada por uma sombra.

— É um cavaleiro! — exclamou Bruno, esforçando-se por ver na escuridão sem os óculos. — Talvez nos possa ajudar a sair daqui!

— Ou talvez nos corte os pescoços, cegueta! — alvitrou Margarida, mais desconfiada. — Vem, vamo-nos esconder!

— Não, eu fico aqui — contrapôs Bruno, com um ar determinado. — Não vou ouvir mais as tuas disparatadas fantasias que me trouxeram para este fim de mundo, ou outro mundo, ou o que raio que isto seja!

— Tudo bem, mas vais ter de largar a mochila, porque eu vou levá-la comigo!

— Nem pensar, a mochila fica comigo, porque eu...

A conversa foi interrompida pelo sombrio relinchar do cavalo negro. O cavaleiro estava cada vez mais próximo e, mergulhado na noite, não passava de uma capa negra que esvoaçava num corcel da mesma cor. Talvez fosse o medo que lhes toldasse os sentidos, mas tanto Margarida como Bruno podiam jurar que os olhos do cavalo eram duas bolas escarlates que os fitavam embebidas no fogo do inferno.

— Depressa, temos de nos esconder! — gritou Bruno, empurrando Margarida para a berma encoberta de folhagem, rolando os dois por um pequeno declive que os deixou prostrados no meio de capim alto.

Segundos depois o cavaleiro já os alcançara. Tinham a esperança que ele cavalgasse sem parar, mas puxou pelas rédeas no local exato onde eles tinham mergulhado para o esconderijo. O cavalo soltou um relincho que lhes provocou arrepios na espinha! Podiam ouvir o bater dos cascos no solo poeirento, enquanto o cavaleiro rodava a montaria para espreitar o terreno à sua volta. Bruno e Margarida não resistiram em espreitar o rosto do agressor, mas apanharam um novo susto. Sob o capuz de um vermelho escuro, quase negro, estava um rosto vazio de expressão, com uma calma sepulcral. Tratava-se de uma máscara esculpida em madeira negra!

Com o corpo coberto pela capa e as mãos calçadas com luvas negras, não havia hipótese de perceber se era humano o ser que comandava o corcel negro de olhar escarlate.

— Calma, Flecha! — disse o cavaleiro, passando a mão ao longo do pelo brilhante do animal. — Estou só a confirmar uma suspeita... Pareceu-me ver umas pequenas criaturas a vaguear pela estrada.

— Consegues percebê-lo? — murmurou Bruno, olhando para rapariga que parecia estar mais surpreendida que ele.

— É estranho — comentou a Margarida. — É como se conseguisse traduzir as suas palavras no exato momento em que são proferidas...

O cavaleiro desmontou o corcel e amarrou as rédeas a uma árvore, para desespero de Margarida e de Bruno, que quase nem se atreviam a respirar. Viram-no caminhar lentamente ao longo da estrada, para a frente e para trás, tentando vislumbrar algo na escuridão. Sentiram os corações apertarem quando o viram parar perto da porta desenhada na rocha.

— Ele viu a porta! — exclamou Bruno.

— Se a tentar atravessar, vai ter uma surpresa!

O cavaleiro aproximou-se da rocha, estranhado o monte que se acumulava à sua frente. Agachou-se e passou os dedos pela areia, olhando de seguida para a enorme pedra iluminada pelo luar. Soltou um grito ao ver o desenho da porta em cor de laranja!

— Pelas barbas do Sonhador, alguém abriu uma porta!

Para surpresa do Bruno e da Margarida, o cavaleiro levou imediatamente a mão ao cinto e, de uma pequena bolsa de couro, retirou um seixo que brilhava num azul intenso. Sob o olhar atento do duo, aproximou-se da porta e começou a raspar vigorosamente as linhas com a pedra polida, um esforço que se prolongou por alguns minutos. Quando acabou, cada uma das quatro linhas tinha sido interrompida e a fechadura estava danificada.

O cavaleiro guardou o seixo, desamarrou o cavalo e montou-o num só salto, sussurrando-lhe ao ouvido.

— Temos de partir, Flecha — rumorejou. — Uma porta foi aberta! Sangor deve ser alertado!

O cavalo empinou, relinchou e partiu a grande velocidade, deixando para trás uma nuvem de pó. Margarida e Bruno saíram a medo do esconderijo, atordoados com tudo o que tinham presenciado. Por um lado ficaram mais tranquilos, sabendo que não estavam sozinhos neste novo mundo, mas por outro lado